

149868

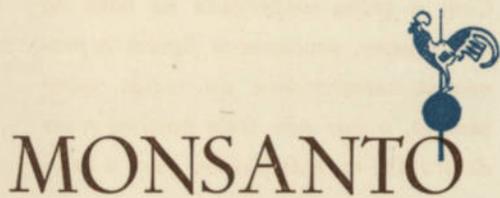
MONSANTO

149





Com a grafia empregada na letra do Cancioneiro, procurou-se figurar a pronúncia característica da região montana, o que não seria possível fazer dentro das normas fixadas para a ortografia oficial.



MONSANTO



MONSANTO



EDIÇÕES
S N I
LISBOA

S.N.I.
526

INCORPORAÇÃO

39

MONSANTO

INCORP
S N I
12804

A iniciativa do «Galo de Prata» (1) deve considerar-se mais um passo na campanha do nosso esforço a favor do ressurgimento do folclore português, aspecto importante, fundamental da nossa política do Espírito. É que, para nós, a arte popular é a verdadeira poesia do povo, tão bela e mais espontânea, certamente, do que a poesia dos poetas, poesia feita, laboriosamente feita, por vezes. Uma pátria é espiritualmente grande não só pela alma dos seus santos e heróis, pelo génio dos seus artistas e escritores, como pela graça da sua gente. Vou mais longe ainda: o povo é, em Portugal, como em toda a parte, o verdadeiro criador da poesia nacional, a sua fonte. Deixar secar a fonte é deixar secar, portanto, a sua nascente. Não esquecer ainda que a arte popular é a única distracção e a festa continua do povo das aldeias, a sua única evasão. Dever social, portanto, zelar pela sua conservação e desenvolvimento.

Dentro desta orientação, no nosso programa de valorização do folclore português, principiámos por enviar a Genebra, em 1935, uma grande embaixada das nossas bonecas regionais, não bonecas estúpidas, a dizer papá, mamã, mas bonecas de rostos expressivos e diferentes, paisagens das nossas províncias. Um grande e vistoso séquito de pequenas coisas — jugos floridos, rocas vistosas, pequenas obras-primas de olaria rústica, mantas, tapetes, ex-votos — acompanhavam essas bonecas e faziam-lhes moldura. Foi essa mesma exposição, ampliada, enriquecida, que repetimos depois, em Lisboa, no Secretariado da Propaganda Nacional e na sala de Arte Popular do nosso Pavilhão em Paris (2). acção ilustrada por várias publicações e vários espectáculos em Portugal e no estrangeiro.

Primeiros e tímidos ensaios. O necessário, o verdadeiramente belo, seria transformar Portugal rústico numa constante exposição viva de arte popular. Os bonecos já não nos satisfaziam. Queríamos vê-los mexer, cantar, dançar (3). Foi então que nos acudiu esta ideia poética, aparentemente fantasista, da aldeia mais portuguesa de Portugal. Nós próprios sorrimos, nos primeiros momentos, da nossa ideia infantil. Mas, pouco a pouco, como o escritor enriquece a obra à força de pensar nela, fomos descobrindo o horizonte, os tesouros que escondia...

E cabe, neste momento, responder a certas críticas provocadas pela nossa iniciativa. Houve quem julgasse, por exemplo, que pretendíamos imitar os famigerados concursos de beleza e que tínhamos apenas, portanto, a ingénua preocupação de escolher, de dois em dois anos, a Miss Aldeia Mais Portuguesa. Outros ergueram-se a afirmar, com aparente razão, que todas as aldeias da nossa terra são igualmente portuguesas e que distinguir uma seria ofender as outras. Observou-se, ainda, que a aldeia mais portuguesa pode, às vezes, ser a mais atrasada. Todas estas críticas puramente exteriores, para não lhes chamar superficiais, foram dirigidas mais ao contorno da ideia do que ao seu fundo. A verdade é que, no concurso da aldeia mais portuguesa, o que vale menos é o seu título, apenas necessário, indispensável, como estímulo. Este concurso vale, sobretudo, pelo pretexto que nos dá de mergulhar na terra portuguesa, de lhe arrancar alguns dos seus segredos, de encontrar, aqui e além, escondidas entre as rochas, no alto das montanhas, ou no coração dos vales, as nascentes da raça. A viagem do júri das aldeias foi e será sempre acompanhada por musicólogos, folcloristas, pintores, cineastas, fotógrafos. Diante dos tesouros que recolhe, das canções e das imagens que se desenterram, do território espiritual que se vai descobrindo, pode afirmar-se que o concurso da aldeia mais portuguesa engrandece Portugal! E se a aldeia mais portuguesa não for, efectivamente, a mais progressiva, não quer dizer que não seja a mais civilizada. O progresso, como tudo o que é material, virá depois, mais facilmente, resultante natural da sua vitória, seu verdadeiro prémio.

A primeira «aldeia mais portuguesa», o primeiro fruto da nossa ideia foi Monsanto. Gratos lhe ficamos. Monsanto veio provar, luminosamente, a utilidade e o nacionalismo da nossa ideia. Até ser-lhe atribuído o Galo de Prata, galo que simboliza o apelo ao trabalho, ninguém conhecia Monsanto, ninguém suspeitava da sua existência de burgo solitário, de sentinela vigilante da Pátria. Monsanto é mais uma fortaleza moral da nossa terra, síntese das virtudes da raça, nossa rígida bandeira de pedra. A pequenina mas altaneira terra beiroa, com a alma de Portugal em seus braços erguidos, tornou-se um símbolo. Monsanto é, de facto, a imagem empolgante da nossa pobreza honrada e limpa,

que não inveja nem quer a riqueza de ninguém, selo da pátria espiritual que fomos e queremos ser. No alto do Monte Sacro dos romanos, aos pés das ruínas fortes do castelo, este povo vive contente a rezar, a dançar e a cantar, dando lições de optimismo às cidades fatigadas, pessimistas, compreendendo, como poucos, o ressurgimento português, mais ávido de bens espirituais — a escola, a igreja, a família — do que materiais. As necessidades são muitas, a terra, por vezes, é madrastra, mas com os olhos cheios de estrelas e o coração cheio de cantigas, considera-se feliz, porque se sente mais perto do céu do que os outros que vivem lá em baixo.

(DO DISCURSO PRONUNCIADO NO THEATRO NACIONAL PELO DIRECTOR DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL, ANTÓNIO FERRO, EM 4 DE FEVEREIRO DE 1939, NA FESTA DE GALA PARA DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS DE 1934 E ENTREGA DO «GALO DE PRATA» À DELEGAÇÃO DO POVO DE MONSANTO).

NOTAS :

- (1) O «Galo de Prata» foi o prémio concedido pelo S. N. I., em 1938, à «Aldeia mais portuguesa de Portugal», escolhida dentre várias em concurso instituído com o propósito de reavivar as tradições populares e de contribuir, por este meio, para o reaportuguesamento de Portugal. Das aldeias concorrentes (ver quadro da página seguinte) foi Monsanto, na Beira Baixa, a primeira a ostentar no campanário da sua igreja o «Galo de Prata».
- (2) Em Nova Iorque também, no pavilhão português da «World's Fair».
- (3) A resultante *intellectual* deste esforço foi mais tarde, em 1940, a criação do Grupo de Bailados «Verde-Gaio».

CONCURSO DA ALDEIA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL

1938

JÚRI NACIONAL

PRESIDENTE

ANTÓNIO FERRO, Director do Secretariado da Propaganda Nacional

VOGAIS

FERNANDA DE CASTRO
ARMANDO LEÇA
AUGUSTO PINTO
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA
LUÍS CHAVES
CARDOSO MARTHA

ALDEIAS INDICADAS PELOS JÚRIS PROVINCIAIS

(Foram escolhidas para concurso, depois das provas eliminatórias, as que são precedidas de um asterisco e vão dispostas por ordem da visitação)

- ALJUBARROTA — Alcobça, ESTREMADURA
OLEIROS — Setúbal, idem
- AZINHAGA — Golegã, RIBATEJO
PEGO — Abrantes, idem
 - ALMALAGUES — Coimbra, BEIRA LITORAL
COLMEAL — Góis, idem
 - BOASSAS — Sinfães, DOURO LITORAL
MERUJAL — Arouca, idem
 - VILA CHã — Espozende, MINHO
 - BUCOS — Cabeceiras de Basto, MINHO
ALTURAS DE BARROSO — Boticas, TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
LAMAS DE OLO — Vila Real, idem
 - SÃO JULIÃO DE CAMBRA — Vouzela, BEIRA ALTA
 - MANHOUCE — Oliveira de Frades, BEIRA ALTA

- PAUL — Covilhã, BEIRA BAIXA
- MONSANTO — Idanha-a-Nova, BEIRA BAIXA
- PEROGUARDA — Ferreira do Alentejo, BAIXO ALENTEJO
- SALVADA — Beja, idem
- N.ª SR.ª DE ORADA — Borba, ALTO ALENTEJO
- S. BARTOLOMEU DO OUTEIRO — Portel, idem
- ALTE — Loulé, ALGARVE
- ODECEIXE — Aljezur, idem

ALDEIA CLASSIFICADA E PREMIADA

M O N S A N T O

REGULAMENTO DO CONCURSO

DA ALDEIA MAIS PORTUGUESA

DE PORTUGAL

REGULAMENTO DO CONCURSO



REGULAMENTO DO CONCURSO
«A ALDEIA MAIS PORTUGUESA
DE PORTUGAL»

REGULAMENTO DO CONCURSO

Compete ao Secretariado da Propaganda Nacional, segundo o diploma que o instituiu, «combater por todos os meios ao seu alcance a penetração no nosso País de quaisquer ideias perturbadoras e dissolventes da unidade e interesse nacional». Cumpre-lhe também «organizar manifestações nacionais e festas públicas com intuito educativo ou de propaganda». Fiel a esse programa, e porque uma das melhores formas de opor uma barreira eficaz à «onda que cresce no mundo», segundo a frase do Snr. Presidente do Conselho, é desenvolver nos portugueses o culto pela tradição, estimulando o regionalismo nacional, tem o S. P. N. levado a cabo várias iniciativas, como a Exposição de Arte Popular e a Quinzena de Portugal em Genebra.

Não basta, porém, reunir os mais belos e pitorescos espécimes dos trajes regionais nem apresentar a estrangeiros ou a eruditos algumas das mais curiosas expressões do folclore português. Há que interessar, nessa obra do renascimento folclórico e etnográfico nacional, o povo das aldeias, os artistas anónimos que, afeiçoando o barro, entoando cantigas ou, simplesmente, repudiando influências alheias e nocivas, logram manter, intactos, na sua pureza e graça, os costumes tradicionais da sua terra. Assim o entendeu o Secretariado da Propaganda Nacional, ao promover, nas bases seguintes, o concurso denominado «A aldeia mais portuguesa de Portugal».

I

As condições essenciais a que deverão subordinar-se as aldeias portuguesas do continente, admitidas a concurso, são, em referência às tradições etnográficas e folclóricas das respectivas províncias, a maior resistência oferecida a decomposições e influências estranhas e o estado de conservação no mais elevado grau de pureza das características seguintes:

- 1.º — Habitação.
- 2.º — Mobiliário e alfaia doméstica.
- 3.º — Trajo.
- 4.º — Artes e indústrias populares.
- 5.º — Formas de comércio.
- 6.º — Meios de transporte (terrestres, marítimos e fluviais).
- 7.º — Poesia, contos, superstições, jogos, canto, música, coreografia, teatro, festas e outras usanças.
- 8.º — Fisionomia topográfica e panorâmica.

II

As aldeias concorrentes farão a sua prova demonstrativa em obediência aos preceitos estabelecidos na base anterior e seus números com as próprias qualidades e recursos representativos, organizados ou a organizar, não podendo em caso algum utilizar elementos estranhos ao seu meio étnico e à área administrativa da freguesia a que pertençam.

III

A concorrente classificada como «Aldeia mais portuguesa de Portugal» será atribuído o prémio «Galo de Prata», símbolo que corresponderá a um melhoramento de utilidade pública a realizar no local, identificado com inscrição alusiva.

IV

O prémio a que se refere a base anterior será bienal.

V

A concessão do prémio confere à «Aldeia mais portuguesa de Portugal» o direito de colocar o símbolo «Galo de Prata» no campanário da Igreja da freguesia, obtida a permissão da autoridade respectiva, que se tornará, consequentemente, responsável pela sua guarda e conservação.

VI

A posse do prémio «Galo de Prata» cessará sempre que o mesmo seja atribuído pelo júri competente, em futuro concurso, a qualquer outra aldeia; caso contrário, continuará, no biénio seguinte, em poder da premiada anteriormente, o que corresponderá a ter direito a novo melhoramento de utilidade pública a realizar no local; e assim sucessivamente.

VII

O Secretariado da Propaganda Nacional solicitará às Juntas de Província — que pelo Código Administrativo (cap. III, art. 260, n.ºs 2.º e 4.º) têm designadas atribuições sobre etnografia e folclore — a necessária colaboração: que tomem a seu cargo a iniciativa de escolher, entre todas as aldeias das suas respectivas áreas administrativas, as duas que reúnam as condições exigidas pela base I e seus números, e possam, conseqüentemente, ter acesso à candidatura no presente concurso.

VIII

Para execução da base anterior, cada Junta de Província nomeará um júri de cinco membros, constituído por: — um etnógrafo e folclorista, e um musicólogo, que se hajam distinguido pela sua especialização nesses assuntos ou pelos trabalhos que sobre os mesmos tenham publicado; um director de Museu Regional; um representante de Comissão Municipal de Turismo; e o presidente da Junta de Província que intervirá, apenas, em caso de empate.

IX

O Secretariado da Propaganda Nacional concederá um subsídio às Juntas de Província para ocorrer às despesas de deslocação dos respectivos júris.

X

Os resultados da escolha serão justificados em relatório circunstanciado, observando-se o disposto na base I e seus números, e constarão de uma acta assinada por todos os membros do júri, que dela enviará cópia autenticada à respectiva Junta de Província.

XI

As candidaturas das aldeias escolhidas pelos júris provinciais serão enviadas ao Secretariado da Propaganda Nacional pelas Juntas de Província até ao dia 30 de Maio do ano do concurso, nos termos da base anterior.

XII

As Juntas de Província tornarão públicos os resultados a que se refere a base X por intermédio da imprensa das respectivas sedes.

XIII

As candidaturas serão apreciadas por um júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, constituído por: — três etnógrafos e folcloristas, e um musicógrafo, que se hajam distinguido pela sua especialização nesses assuntos ou pelos trabalhos que sobre os mesmos tenham publicado; duas individuali-

dades escolhidas entre figuras de reconhecido prestígio nas letras ou nas artes e o Director do Secretariado da Propaganda Nacional que intervirá, apenas, em caso de empate.

XIV

O júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional visitará as aldeias concorrentes até 30 de Julho do ano do concurso, em datas previamente marcadas de acordo com as respectivas Juntas de Província, para assistir publicamente à prova demonstrativa das condições exigidas pela base I e seus números.

XV

Verificada a totalidade de provas demonstrativas a que se refere a base anterior, o júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional dará o seu veredicto para atribuição do prémio à «Aldeia mais portuguesa de Portugal», no prazo de 30 dias, decisão que será comunicada à respectiva Junta de Província e tornada pública por intermédio da imprensa.

XVI

O prémio simbólico «Galo de Prata», a que se refere a base III, será entregue solenemente pelo Director do Secretariado da Propaganda Nacional, em dia a designar, aos elementos representativos da aldeia premiada.

XVII

A execução e a entrega do melhoramento de utilidade pública local, correspondente ao prémio simbólico a que se refere a base III, serão levadas a efeito pelo Secretariado da Propaganda Nacional até 31 de Dezembro do ano em que se realizar este concurso.

XVIII

Os preceitos estabelecidos nas bases deste concurso não podem ser alterados em caso algum por qualquer dos júris.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1938.

EVOCAÇÃO DE MONSANTO

por

Cardoso Martha

e

Adolfo Simões Müller

I A PAISAGEM



á terras que valem pelas belezas que possuem ; outras, pelas que deixam ver. Umas devem mirar-se nas galas ou na severidade da sua paisagem, no esplendor ou na velhice dos seus monumentos. As outras são miradoiros: vale a pena ir até lá para ver o que lá não está, mas que, admirado dali, ganha perspectivas de maior encanto ou grandeza.

As primeiras têm luz própria ; as segundas recebem-na das serras altas ou dos vales ubérrimos que as circundam, dos rios e ribeiros que as abraçam nos seus braços líquidos, das cortinas vegetais ou dos equilíbrios de pedras que as defrontam.

As terras privilegiadas são, ao mesmo tempo, uma e outra coisa. Cônscias do que valem, não temem abrir janelas para novos horizontes de maravilha. São como certos lares, em que sabe tão bem ficar a sonhar, de olhos nas chamas do braseiro, como passear sob as árvores olorosas do pequeno jardim.

Monsanto, Monsanto da Beira, a «Aldeia mais Portuguesa de Portugal», é um desses lugares de excepção, que dir-se-ia terem corpo e alma, igualmente formosos, ou serem como um livro em que a valia e a frescura do texto se casam dignamente com a graça ou o luxo da encadernação. Em Monsanto, o quadro, vigoroso e belo, tem a moldura adequada. Quem uma vez visitou a nobre aldeia beiroa, dificilmente a esquecerá. Fechamos os olhos e revemo-la na sua arquitectura de sonho, obra inicial de ciclopes, que dispusessem penedos sobre penedos e rasgassem veredas entre fragas.

São as suas casas disfarçadas na rocha, como que encapuchadas à maneira das mulheres da região. São as quelhas pedregosas apostadas na escalada do monte, como se tivessem aprendido, na lição dos séculos, as manhas das hostes de assédio. São as suas casas solarengas, a sua igreja e as suas capelas; é o seu cemitériozinho perdido no vale e que parece erguer para o céu as suas mãos verdes. E é, sobretudo, o seu castelo que a encima orgulhoso, na sua coroa de muralhas.

Divisa-se dali, daqueles oitocentos metros de altura, um magnífico panorama. «Dir-se-ia estarmos na barquinha de um balão cativo», escreveu André Villeboeuf, um dos escritores estrangeiros que, em 1938, visi-

taram o país a convite do S. P. N. A nossa vista perde-se, de facto, aqui, num mar de arvoredo, além, numa planura hostil, mais adiante em pequenas colinas, que surgem como seios redondos do corpo da terra. A dois passos da fronteira, avista-se, do lado português, Castelo de Vide, Castelo Branco, Covilhã, Guarda, Sabugal, Penamacor... Para lá da fronteira, em dia de luz pura, em que tudo se recorta fàcilmente no horizonte, os olhos alcançam até à longínqua serra de Béjar.

Olhada a distância, a aldeia, com as suas pedras seculares, tem o aspecto duma ara dos tempos recuados, dum desses altares erguidos pelas raças primitivas. Daí, talvez, o seu nome (Monsanto=Monte Santo) que, segundo Leite de Vasconcelos, é «de época mui remota». E acrescenta o sábio professor: «O local deve ter sido sagrado e, para a santidade do lugar, contribuiu, sem dúvida, a própria forma do monte que, a grande distância, avulta solitário e chama a atenção entre os que o circunvizinham». A região onde se levanta o penhasco sobre que repousa Monsanto, chamam Monsantel, ou Monsantela.

Quis a história que a aldeia guardasse inexpugnáveis as suas torres. E, com elas, do mesmo modo sujeitas a mil cercos e ataques, mas por igual invencíveis, algumas das nossas mais doces e mais fundas tradições. Por isso, este nome de Monsanto adquire um significado especial para todos nós, que nele vemos a imagem de oito séculos de vida, como que sentindo palpitante nas suas pedras o próprio coração de Portugal.

II A ALDEIA



s roteiros perfeitos, os guias científicos, sabem levar-nos inflexivelmente até junto dos monumentos mais venerandos ou aos locais donde se desfruta mais larga paisagem. Mas, na sua fria rigidez, na sua exactidão matemática, raro nos deixam surpreender aquilo que mais deve interessar o visitante apaixonado e atento — que é a intimidade da terra, os seus segredos, os seus pequenos nada, tudo aquilo que vem a constituir, afinal, o seu panorama interior, visão, sem a qual, ficará forçosamente incompleta ou errada a nossa apreciação. Monsanto vê-se em poucas horas. Não há, pois, necessidade de estabelecer um itinerário ideal que nos leve, primeiro, a admirar, na sua

igreja matriz, os túmulos dos reverendos priores do século XVII, ou a ouvir contar, junto das «13 Tigelas», a história da fidalga que ali ia dar de comer aos pobres. O melhor é o visitante seguir sem rumo, ao Deus dará, perdendo-se nas vielas e quelhas, de nomes graciosos e estranhos: a Rua da Pracinda, a Rua da Barreira Quebrada, a Rua da Sarça, a do Sol Velho, a Barreira do Relógio...

É possível que ele se engane e volte, por vezes, ao mesmo lugar. Mas encontrará sempre um montesiano amável que o porá de novo no bom trilho. E, assim deambulando, num zigzague caprichoso como os próprios caminhos do povoado, descobrirá, a cada passo, novos motivos de enlevo ou de curiosidade. Talvez, na Rua da Capela, encontre alguma velhinha, como a sr.^a Cândida Amaral, que lá vimos há oito anos trabalhando no seu tear, com a alegria das moças, embora contasse já o bonito rol de 105... primaveras. Repare nas suas colchas e mantas, verdadeiros álbuns de zoologia e de botânica, tantos são os desenhos de animais e plantas que nelas figuram... E, se entrar, por exemplo, numa das casas seiscentistas do bairro antigo, enfeitada de curiosas cantadeiras, talvez lhe mostrem uma coleção de toalhas, lenços e lençóis, tendo bordada uma antologia de palavras carinhosas e gentis: *Amor, Amizade, Saudade, Lembrança...*

Porque não há-de aprender, na Igreja de S. Salvador, a tradição popular do «Legado não cumprido», em que se conta que um dos priores ali enterrados se erguia a horas mortas do sepulcro para ir dizer missa? O legado estabelecia que tinham de ser rezadas umas tantas

missas de sufrágio por alma do prior. Mas, como os vivos se esquecessem do cumprimento desta disposição, o bom do sacerdote lá saía todas as noites do túmulo para ir celebrar. Por isso, o missal e os paramentos apareciam remexidos. Até que, uma noite, o sacristão, que ficara de vigia, descobriu tudo. Mas o pior é que o sacerdote o obrigou a ajudá-lo no Santo Sacrifício. E depois assim se cumpriu todas as noites, até inteira satisfação do legado...

Mais adiante, poderá ver o «forno do povo», onde se coze o pão para quem queira. Por cada fornada, pagar-se-á a «poia», isto é, um pão igual aos outros e mais metade.

No Largo da Misericórdia, afaste-se um pouco para o lado: é que, mesmo em frente da Capela da Senhora do Socorro, rapazes e raparigas bailam danças de roda, eles com os seus trajos de surrobeco, elas com os seus chales de florinhas e as suas saias berrantes, pintadas de preto ou sarjadas com selvas. Estão a dançar a «Pulga». E sublinham os passos com esta cantiga graciosa:

*Na rua da minha amada
não se pode namorar :
de dia, velhas ao sol ;
à noite, cães a ladrar.*

E depois, mais alto, mais grito do que canto:

*O ai, quem me acode,
quem me há-de acudir!
As pulgas são tantas
— não deixam dormir!*

Lá está agora a Torre Sineira, datada de 1420 e assinada por Lucano, misterioso arquitecto até hoje velado aos indagadores de coisas de arte. Adiante, nos penhascos, é possível que tope o «rabasteleiro», de guarda ao seu rebanho. Se for época da apanha das azeitonas, em breve o som do píforo será trocado pelo da «urra», o búzio dos varejadores. E estes e as apanhadeiras, curvados sobre o chão em busca dos frutos negros que hão-de ser luz, cantarão esta toada, de origem frígia:

*Já o sol vai raiando
por cima das oliveiras.
Varejai, varejadores,
apanhai, apanhadeiras.*

Mas todos se descobrem: é que passa a procissão do «Jantar do Divino Espírito Santo», com os nove mordomos, de opas vermelhas, os quais, além da festa, têm de pagar um repasto... Serão, assim, nove opíparos jantares, cortados, de prato para prato, pelo cântico do «Bendito»!. Ou é, então, a Irmandade da Misericórdia que sai da sua Capela, le-

vando à frente o painel e o pendão com as iniciais S. P. Q. R., sugestivas da ubíqua potestade romana.

Mais adiante, na Rua das Portas da Vila, junto às casas cujos umbrais estão pintados de cal — em sinal de nojo — as raparigas batem o linho. E, nas janelas floridas, recortam-se figuras de velhinhas, fiando sem descanso. Quem sabe se alguma delas ensinará ao visitante o rímance de «D. Silvana» ou da «Triste ceguinha»?

Está em festa a Rua da Sarça. Pudera! É a descamisada do milho. Enquanto se despem as maçarocas, há sempre cantigas e risos:

*A cana do milho grosso
nasceu debaixo do chão.
Os olhos do meu amor
trago-os no meu coração.*

Numa varanda coberta de telha moura vermelhusca e com lindas guardas de balaústre de madeira torneada, um menino adormece, enquanto a mãe, sentada no «tropeço» — banco de cortiça com desenhos curiosos entalhados no assento — embala o berço nas suas falas de amor:

*José embala o Menino,
que a Senhora logo vem:
foi lavar os cueirinhos
à fontinha de Belém.*

Ali perto, há uma fonte, mas de mergulho, donde as raparigas tiram a água para as suas bilhas esguias.

*Oh, valha-me Deus,
mai-la Virgem Maria !*

Isto repete-se monòtonamente:

*Oh, valha-me Deus,
mai-la Virgem Maria !*

É outro rimance, o do «Lavrador da Arada». Quem lho terá ensinado? E quem terá guardado, como em cofre de ouro, o Cântico de Santa Cruz que as montanhesas entoam, ao som dos adufes, enquanto vão subindo a Rua da Pracinda, ou quando voltam pelos Penedos Juntos ou alargam mesmo os seus passos até à Igreja de S. Pedro de Vir-a-Corça, de rosácea formosíssima?

Itinerário, para quê? Deixe-se ir o viandante atrás da música estranha dos adufes que ela, pela certa, o levará sempre, de cantiga em cantiga, de viela em viela, de tradição em tradição, até ao Castelo, em cujas pedras se pode ler a história heróica de Monsanto.

III O HOMEM E A CASA



maioria dos montesantinos (que, pelo último censo, passavam de três mil), é de tipo moreno e olhos castanho-claros. Aparecem, todavia, ainda que raramente, alguns de cabelo loiro e olhos verdes, bem como o tipo cigano, outrora mais espalhado.

O nativo de Montesanto é patriota, bairrista convicto, altivo, por vezes, até ao exagero e perseverante na conservação de velhos hábitos. Amigo do trabalho, vai procurar ocupação, se for necessário, a pontos distantes da sua aldeia natal. Ainda recentemente, não era raro topá-los em várias províncias de Espanha, na África e no Brasil.

Era sóbrio de cor e de talhe, mas de boa estimação, o velho trajar mon-

santino. Designadamente o traje feminino, era muito de ver-se: mantéu de gorgorão e sobre ele uma capucha azul-escura, debruada a claro. Nos homens, era corrente a camisa bordada, véstia curta, cinta preta e chapeirão de Alcains.

Hoje, o vestuário do povo humilde não tem características que o imponham. Não se diferencia do comum às povoações da Beira Baixa. Usam as mulheres camisa de linho ou estopa, saia muito rodada e capucha de burel, pendente da cabeça sobre os ombros, descida até meio da coxa. Também são frequentes os chales curtos de Alcobaça e lenço atado à cabeça por vários modos. Sobre este lenço, trazem, às vezes, chapéus moles de feltro.

Quando não andam descalças, usam meias, umas vezes lisas, outras de renda, brancas ou de cor, e sapato simples. Os homens envergam jaqueta e calça vulgares e capote de burel no inverno. Quase sempre o vestuário é confeccionado fora de casa, apesar de haver na aldeia um ou dois alfaiates.

Um tipo característico de Monsanto convém, todavia, fixar. É o *rabasteleiro*, de que já falámos. E quem é esse tal? Viram-no, em carne e osso, os milhares de visitantes do Centro Regional, na Exposição do Mundo Português. O rabasteleiro é o auxiliar e o substituto do pastor. Safões de pele de ovelha, casaco, colete e calça de surrobeco e uma pele aos ombros, servindo de resguardo aos caprichos atmosféricos, — eis todo o seu indumento. Acrescei-lhe o indefectível surrão, a ferrada de cortiça e um cajado curto, de preferência encurvado, para se ajustar

ao lombeiro das ovelhas sem as contundir, e tereis o seu típico perfil, que o júri nacional da «Aldeia mais portuguesa» ficou surpreso de ver, ao apontar de uma manhã de Setembro, soprando a rústica avena de zagal vergiliano sobre o dorso dum penhasco, recortado no azul puríssimo do céu beirão.

Quem sobe à torre sineira, chamada do Relógio — «a torre que fez Lucano» — ou, melhormente, quem faz a ascensão do Castelo e lá do alto relança os olhos sobre Monsanto, nota que a massa confusa do casario escuro mal se destaca da rocha granítica da montanha, a pedra bruta de que foi feito e até de que participa, chegando por vezes a uma tal interpenetração, que se não distingue com segurança, ao primeiro olhar, onde a casa acaba e começa a rocha.

A habitação, no dorso penhascoso sobre que assenta o povoado, sucede-se a eito, bordando as ruas empinadas, quase sem solução de continuidade.

A casa humilde, popular, de acentuada rusticidade, com paredes de pequenos blocos de granito mal esquadriados e quase sempre sem aparelho, tem uma ou duas divisões estreitas, quando muito, de feição quadrangular. Se tem apenas uma, dela fazem alcova e cozinha; se duas, a primeira é casa de estar e alcova e ali, dentro de uma espécie de biombos de madeira, com uma abertura de ingresso resguardada por uma cortina de chita, ficam os leitos, como num beliche de navio. O recinto fechado por esses biombos quase fica à medida da cama. Por cima desta, penduradas de frutas; por debaixo, guardam-se, por via de re-

gra, certos produtos agrícolas — batatas, cebolas e às vezes fruta. Ao lado, a cantareira, onde as loiças da Idanha se acantoam. Uma ou duas cadeiras, um ou outro tropeço, alguma tosca mesa, completam o quadro.

Uma porta sem batentes dá acesso a outra quadra — a cozinha, alumiada por frestas, que não raro servem de portas, com escada exterior para a rua. A lareira é rente ao solo; não há chaminé e o fumo escoá-se pela telha vã, dando-se, desta forma, um maior aquecimento à casa. Às vezes, a água brota da rocha dentro da habitação. São elemento típico das cozinhas as panelas trípodes de ferro e as caldeiras, suspensas do travejamento, por cadeias, sobre o fogo da lareira. Nas paredes, garfeiros de cana.

Por baixo da cozinha, aproveitando-se o espaço deixado pelo desnível da rua, que desce ao sabor da lomba, alojam animais, burros, suínos as mais das vezes. Nesse caso, abre-se na cozinha um alçapão por onde se lhes deita o penso. Esta espécie de curral, ou cavalaria, tem comunicação com a rua por uma porta baixa.

As paredes exteriores das casas, de ordinário entreligadas a barro cru, não são, talvez pela escassez de cal, rebocadas, ficando assim mais afeitas ao ambiente e em plena concordância com ele. Exceptuam-se as umbreiras e vergas das portas, que raro deixam de ser caleadas. Mas, em compensação, o interior das moradias é rebocado.

É possível haver nisto um caso de persistência de manifestação lutuosa, sabido que o dó teve a cor branca em Portugal até D. Afonso V.

Hoje, perdido o sentido fúnebre, o costume está generalizado.

O pavimento das casas é de laje, às vezes de terra batida, mais raramente soalhado. Os telhados são de telha vã, como dissemos, mourisca e de duas águas.

O panorama intrínseco do velho povoado assume desta forma um grande pitoresco, o casario humilde entremeando-se, aqui e além, com uma vetusta construção medieval, renascentista, seiscentista, ou coeva do nosso rei Magnânimo. Os episódios arquitectónicos, compatíveis com as irregularidades do terreno e despreocupados de problemas urbanísticos, oferecem aspectos imprevistos, recantos e perspectivas sedutoras do pincel de algum artista, que houver o bom gosto de ir ali surpreendê-los e fixá-los.



IV COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES



em ainda seus laivos de primitivismo a forma de comerciar em Monsanto, o que, aliás, se dá em muitas povoações do país mais isoladas dos grandes centros e, por isso, mal providas de meios de comunicação com eles.

As lojas englobam, em regra, vários ramos de mercadoria, vendendo cada uma, simultâneamente, mercearias, fazendas, ferragens, drogas, etc. Nas tabernas, além do vinho e aguardente, fulcro do negócio, vende-se azeite, vinagre, petróleo e tabacos.

As vendas, designadamente nas importâncias de maior vulto, são feitas a crédito: os lojistas esperam pelo fim das colheitas, na altura do S. Mi-

guel, para serem honradamente reembolsados com o dinheiro da venda dos milhos.

Os produtos hortenses, bem como o peixe e a criação, são apregoados em venda ambulante pelas ruas da aldeia. Aparecem também os *paneiros* a vender fazendas brancas, os leiteiros e o *pitroline*, carreando a mercadoria ao dorso do seu garrano.

Ainda não entrou nos hábitos o actual sistema monetário; as contas fazem-se em *réis* e até, como noutros pontos do país, com afinco à velha designação numerária: vintém, pataco, tostão, cruzado, pinto, quartinho, moeda e libra. O que respeita ao dinheiro é extensivo aos pesos e medidas: arroba, arrátel, onça, fanga, celamim, quarta, alqueire, moio, almude, cântaro, folha, canada, quartilho, pipa, vara, braça, palmo, plegada, etc.

Há uma nomenclatura especial para certas práticas agrícolas ou caseiras, bem como para determinados objectos. Um exemplo: pelas ceifas, juntam o cereal em *gabelas*; com estas fazem *paveias*. Uma *pousa* são cinco molhos, um *carro* doze pousas, e cinco carros uma *sageda*, ou *seigeda*.

O arcaico sistema de trocas é corrente, permutando-se louças, por exemplo, com azeite, sementes, etc. Se o escambo é por batatas, a medida é acogulada, provávelmente para compensar os espaços vazios entre os tubérculos, o que se não dá com cereais de grão miúdo.

Os Monsantoenses frequentam muito as feiras e mercados, onde vão vender e comprar gado e adquirir mais facilmente e mais em conta os géne-

ros que faltam, em geral, nas lojas, tais como calçado, chapéus e utensílios agrícolas. Há mesmo na aldeia, no terceiro domingo de cada mês, um mercado de certa importância, muito concorrido de compradores, que ali se abastecem de vários produtos da região e doutros pontos do distrito.

Quando se leva a cabo alguma transacção vantajosa, uma vez fechado o negócio em mercadoria de maior monta, como gado, etc., dirigem-se vendedor e comprador para tenda onde a «pinga» seja «de estalo», e lá se procede ao *alborque*, ou seja o esvaziar de uns copázios em confirmação do contrato.

A actividade industrial de Monsanto é nula, ou quase. Não há indústrias caseiras, a não ser a de mantas ou cobertores de trapo, tecido com algodão de cores garridas. Isoladamente, algum tear ou sarilho primitivo de tecer e fiar linho, alguma renda ou bordado que se faça numa ou noutra casa para uso da mesma e alguma tosca mesa, cadeira ou tropeço — e eis tudo.

O monsantino, de ordinário, compra tudo fora: as louças de trato doméstico, por exemplo, vêm-lhe de Mação, Freixial-dos-Potes, Idanha-a-Nova (a sede do concelho) e de outros pontos; a cestaria, de Alcongosta e a telha, do Salvador.



Alheio às velocidades vertiginosas de hoje, o rural da Monsanto dispõe de dois únicos meios de transporte: em animais de carga, ou em

carros, que não são, positivamente, a última palavra do modernismo.

O primeiro, de uso mais geral por mais económico, é feito em burros, cavalos e muares. No seu chouto parrana, conduzem estes os donos às feiras e arraiais, ou o adubo das terras ao campo e de lá carregam os produtos arvenses, os taleigos de cereal para a moenda e, no dorso, caminho da fonte, as angarelas com os cântaros.

Quanto aos transportes em carros, a par dos actuais de eixo fixo e rodas radiadas, ou seja a carreta ordinária, ainda percorre Monsanto e redondezas o velho carro rural, comum a muitos pontos do país, aparentado, se não descendente directo, dos *plaustros* do Lácio, com seu eixo móvel de riço sobreiro, ou, azinho, girando entre as treitouras, com rodas fixas a ele.

É utilizado nas lides do campo, condução de hortaliças, frutos e feramental agrícola. Quando se trata de géneros que não vão resguardados em sacos e cestos, usam lá taipais ou sebes, respectivamente de tábuas presas aos fueiros, ou vimes encanastrados.

A malta folgazã de ambos os sexos, que se dirige às romarias, costuma aproveitar este meio de condução e então enfeitam os carros com flores, colchas e rodapés de renda.

À hora crepuscular, nos lindos dias de verão, e, por vezes, em noites de luar, quando o regresso do campo se delonga um pouco mais, é de um raro encanto, que nas almas entorna suave melancolia, ouvir ao longe, nas estradas e azinhagas, sobrelevando a grilharia e o coaxo das

rãs, a chiada monótona e lamentosa que o eixo produz girando entre as cantadeiras :

*...gemido, que é a voz queixosa do trabalho
quando, ao entardecer, passa, pesado e lento,
algum carro de bois no pedregoso atalho.*

Parece que um progresso mal entendido tem acabado em muitos pontos do país com esta nota bucólica de poesia e sedução.



V CRENÇAS, LENDAS E TRADIÇÕES



ndam habitualmente a credence e a grosseira superstição ligadas à incultura das massas. Ora, infelizmente, não são muitos, em Monsanto, os indivíduos alfabetos. Daria um curioso capítulo de filologia o glossário de termos e expressões locais e obsoletas de que ainda ali se faz uso e uma sintaxe estropiada que reflecte, até certo ponto, a ambiência em que actua.

Um tanto por atavismo e império secular, mas também pela ignorância em que vegeta, apesar de possuir uma escola primária, o monsantino é profundamente supersticioso. Fatalista como um árabe, crê em tudo quanto se lhe afigura sobrenatural: bruxaria, almas do outro mundo e mau olhar; liga às palavras, aos objectos, às horas, virtudes

ou influxos misteriosos; arrepiam-se, por mau agoiro, ao pio da coruja, defuma-se e aos animais domésticos para os isentar de bruxedos, recebe a eficiência das pragas rogadas, prefere as medicinas caseiras às da botica e, conseqüentemente, aos médicos, os charlatães e «endireitas».

Na região, como em todo o distrito, rara será a ruína, outeiro, ribeiro, barranco ou furna a que não ande ligada qualquer lenda, tradição ou idéia supersticiosa. Acolá, naquele barroco, arcabuzaram os franceses um aldeão inocente, ou um troço de patriotas esfoiçou algum desgarrado das fileiras napoleónicas. Mais além, é a alma de F., vagabunda, altas horas da noite, à roda dalguma quinta ou casarão, expiando suas faltas ou malfetorias; e não é de bom aviso transitar por certa encruzilhada fora de horas, que o bruxame e os lobisomens o transviarão do bom caminho. Não são raros os pontos onde o mafarrico deambula, em disfarces inimagináveis, à cata de almas para tentar. Neste casinhoto abandonado, um filho espúrio esfaqueou seu pai, conforme consta da versalhada que os cegos erradios garganteiam por feiras e romarias. Não se deve beber a água de certa fonte, inquinada de malefícios; e quem, por ignorância ou fanfarrria, se demorar naquele casarão, que dizem assombrado de fantasmas, ouvirá, a meio da noite, um arrepiante arrastar de cadeias e cachinar de gargalhadas entremeadas de choro uivado. Qual valente se afoitaria a arrostar tais e tão descompassadas aventuras? A par destes episódios formidolosos, em que não é de esquecer o do temeroso «Sete-Coiros», animal ou demónio fantásticamente monstruoso, que na treva vigia o Castelo junto à Fonte de Cima, nem o do prior

de S. Salvador, a que atrás fizemos mais larga referência, algumas gratas lembranças prendem tal ou tal sítio ao coração do povo.

Reporta-se uma delas à aparição da Virgem. Há na região uma árvore, ou matagal, onde um belo dia a Senhora fez inesperada epifania. Parece igualmente que, no local chamado dos Penedos-Juntos, viu certa pastorinha, ao cair da tarde, a imagem de Cristo crucificado, que de si desprendia uma suave claridade. Não há vestígios de tal achado, que muitos anos se conservou na capela românica de S. Miguel.

A espalhada crença nas moiras encantadas é também vulgar em Monsanto. Para o natural, é ponto de fé que elas escolhem as rochas inacessíveis para assoalhar tesoiros, que deixariam na sombra os de um rajá e lhes fazem guarda, vestidas de branco, com longas tranças cascadeando-lhes nas espáduas, sentadas sobre ricas tapeçarias e de perna cruzada ao modo arábico.

Derivada de tal crendice, temos a história dum pobre rústico que, em dias antigos, transitando ao romper do sol junto de uma laje a que chamam do Pendão, vira estendido sobre ela um grande velo de oiro. Deslumbrado, trepou à fraga para o tomar; mas, ao lançar-lhe a mão, arrastou com o velo uma campainha do precioso metal, que, tintinando, quebrou o encanto da moirama cavernícola, a qual, num abrir e fechar de olhos, caiu sobre o imprudente. Teve ele, em tão apurado lance, a feliz inspiração de se apegar com Santa Maria do Castelo, que logo lhe acudiu, fazendo que a campainha enfeitada se mudasse em bronze e os Moiros se recolhessem ao primitivo encantamento. É crença do povo

que este precioso objecto está hoje em poder da Misericórdia de Monsanto.

Outras lendas, por igual penetradas de suave poesia, sobredoiram o passado da «Aldeia mais Portuguesa de Portugal». Refiramos a do anacoreta Amador, que ermava, noutros tempos, numa gruta junto à capelinha depois baptizada com o gracioso nome de S. Pedro de Vir-a-Corça. Comendo ervas e frutos silvestres, o santo velho rezava e esperava. Estando certo dia em oração, de olhos postos ao alto, avistou uma águia, que voava com uma criança nas garras. Em resposta à súplica, que imediatamente ergueu à piedade divina, veio a ave poisar-lhe a criança aos pés. Mas o bom do ancião não tinha com que sustentá-la: e então a Providência supriu a penúria, mandando-lhe todos os dias uma corça a dar o leite necessário. O menino cresceu em piedade e virtudes e foi mais tarde um sacerdote exemplaríssimo. O eremita, canonizado, teve o seu túmulo na capela cujo nome vem lembrando o milagre.

Fecharemos este capítulo com a notícia dumas aparições fantásticas, que todo o Monsanto deseja ou receia, segundo é a «Boa» ou «Má Hora». Elas surgem de improviso, detrás de uma velha casa em ruínas, dentre uns penhascos, na revolta de uma estrada e até nas sombras de um corredor, adega ou celeiro. Figuras indescritíveis, criações de cérebros alucinados que, no dizer terrífico dos que supõem tê-las visto, se mostram vestidas de branco (hora venturosa) ou de negro (hora fática).

VI USOS E COSTUMES



Em princípio, pode afirmar-se que Monsanto vive a vida dos mais povoados do seu distrito, sem grandes diferenças nas manifestações de suas usanças. Dariam estas para muitos volumes no que se reporta a costumes da intimidade caseira, da actividade comercial e industrial, da vida rural, pastoril, religiosa, etc.

Resumindo, diremos que a vida do Monsanto se cifra nisto: dão-se os homens ao rudíssimo tráfico de rasgar os campos de sol a sol, com a enxada ou o arado; as mulheres, às lides caseiras, às sachas, mondas e ceifas; as crianças, à guarda do gado.

Não nos alongaremos, pois, na notícia que traçamos, a pormenorizar

costumes e tradições que, com as credices e superstições, são comuns a toda a terra portuguesa, mas unicamente os havemos de aflorar de relance.

É uma das curiosidades no género o antiquíssimo uso de *encomendar as almas*, cerimónia que se faz à meia-noite nas ruelas da aldeia, todas as sextas-feiras de Quaresma. Grupos de mulheres encapuchadas percorrem o povoado, na sombra nocturna, amentando os mortos, numa toada monótona e lamentosa. É a persistência de uma prática devota que vem da alta Idade-Média, memorando arrepiante da morte inevitável.

Também pertence à etnografia montesina o canto das *Janeiras*, comum a grande parte do país, feito de porta em porta por grupos de rapazes e adultos, nos últimos dias do fim do ano e primeiros do seguinte. Em quadras ingénuas, suplicam aos donos da casa algum donativo em dinheiro ou géneros, que tudo é depois consumido em ceatas ou merendas. Se nada lhes dão, vingam-se a cantar aos forretas versos mordazes e escarninhos.

A rapaziada aproveita-se dos dias de folgança carnavalesca para *chorar o Entrudo*. Remetem-se aos pontos mais altos da aldeia e dali, servindo-se de um funil ou de um cone de papelão a fazer de porta-voz, anunciam e comentam com certa demasia os casos locais ocorridos durante o ano. «É, escreve Lopes Dias (*Etnografia da Beira*, vol. I) uma sátira alegre que por vezes torna públicos acontecimentos íntimos, desconhecidos de muitos moradores». E mais adiante: «Tal divertimento tem por vezes servido para, por inimizade, propositamente se levam

tarem e porem a correr verdadeiras calúnias e inventarem supostos factos prejudiciais à reputação de pessoas e famílias honestas. E, por isso, bastas vezes têm sido motivo de sérios conflitos».

Em toda a Beira Baixa é costume queimar o *cepo* ou *madeiro do Natal*, em frente às igrejas onde se celebra a missa do galo. Segundo F. B. Pereira Correia (*Roteiro de Monsanto*, 1939), também assim se pratica nesta localidade, defronte da igreja matriz; e acrescenta que já assim era uso no adro da igreja de S. Miguel.

Para que tal cerimónia tenha eficiência, é crença geral que o cepo deve ser furtado.

Anda certamente ligado tal costume ao fenómeno astronómico da entrada do inverno, como à chegada do estio as fogueiras de São João.

Há ainda outros usos curiosos, como o do folar, ou, como lá dizem, *afolar*, que se tira pela Páscoa nas casas da aldeia e é vulgar nas Beiras e Norte do País; e o de lançar aos noivos, à saída da igreja e entrada em casa, punhados de trigo, folhas de oliveira e flores. Já hoje se não liga sentido a esta prática, mas há aqui evidentemente um símbolo, porque se trata de chamar sobre os recém-casados a boa sorte da abundância e da prosperidade. Os rapazes e moças despeitados ou desavindos com eles, lançam-lhes sal em vez de trigo e flores, vão-lhes a casa mudar a cama ao contrário, supondo que assim lhes transtornam a vida e acabam por lhes assar à porta pimentos queimados, que farão tossir o desafortunado casal toda a santíssima noite.

Caiu já em desuso o costume do bodo aos mordomos, que se oferecia

na romaria da Senhora da Azenha, situada num vale entre Penha Garcia e Monsanto. Era um succulento repasto, que serviam sobre grandes toalhas estendidas no relvado.

Sobreleva, porém, todas estas usanças, pelo maior interesse etnográfico de que se reveste, a da festa anual de 3 de Maio.

Dela participam sempre as *marafonas*, bonecas de trapo enfeitadas, que as mulheres levam erguidas nas mãos. Não se liga hoje sentido a esta bonecaria, mas pendemos a crer que se filia nas festas de Maio, ou «Maias», de origem pagã, como é sabido. Esta festa coroa todas as outras, do mesmo modo que o Castelo, a que está intimamente ligada, domina a aldeia e a própria alma dos Monsanto.



VII O CASTELO



origem do Castelo de Monsanto perde-se na bruma dos tempos. Sabe-se que, ainda muito antes da era cristã, já ele se erguia como ninho de águias. Em volta do recinto fortificado, meia dúzia de casas, saindo das rochas, confundindo-se com estas. Mais tarde, a povoação começou a alargar-se e veio escorrendo pela encosta, como um rio de lava. A aldeia, pròpriamente dita, estabeleceu-se aí a uns dois terços da altitude máxima. E agora desce ainda e tende a espalhar-se pelos campos convizinhos.

Parece que o primeiro feito heróico do Castelo, a primeira página da sua gesta, foi a resistência a um cerco dos Romanos. Dizem que esteve

ali Sertório. E que o reduto só foi tomado depois de mortos quase todos os seus defensores.

Era a legenda épica da inexpugnabilidade de Monsanto que principiava a escrever-se. Muitos séculos depois, em plena campanha da Restauração, D. Luis de Haro, primeiro ministro de Filipe IV de Espanha, veio sitiá-la também o Castelo de Monsanto. Mas, dentro em pouco, teve de levantar o cerco, pois difficilmente poderia resistir às sortidas endiabradas da guarnição da praça, irrompendo, talvez súbitamente, pela Porta Falsa, que os penhascos mascaram. Os reveses acumulavam-se para os Espanhóis. E o Duque de Medina de las Torres aconselhava Filipe IV a tomar o comando do exército e a atravessar a fronteira.

Mais tarde, em 1704 — reinava já em Espanha Filipe V — novo exército vem atacar Monsanto. Comandava-o agora um irlandês, o Duque de Berwick, Marechal de França. Salvaterra, Penha Garcia e outras terras haviam caído já. O Governador de Monsanto negou-se, porém, a render-se. A desproporção das forças era, contudo, extraordinária. E o exército franco-espanhol entra, por fim, no Castelo, onde não encontra vivo um defensor sequer. O próprio Governador tombara para sempre com um golpe vibrado no crânio. Mas o Marquês das Minas manda atacar as forças de Berwick, comandadas por D. Francisco Ronquillo. Os portuguezes infligem no «Vale da Matança», de bem sugestivo nome, uma pesada derrota ao inimigo. No dia 14 de Julho é retomado o Castelo. A nova e estrangeira guarnição, não tendo sabido aprender as lições das anteriores, entrega-se quase sem combate. E é toda passada a fio de espada, talvez mais como castigo por não ter respeitado as tra-

dições de heroísmo do bastião, do que para vingar o primeiro êxito do Duque de Berwick. A importância do reduto é reconhecida pelo Conde de Lippe, mais tarde chamado pelo Marquês de Pombal para reorganizar o nosso exército, e que lá manda construir uma nova muralha.

No princípio do século XIX, o Castelo, que resistira a tantos assaltos, é quase totalmente destruído por uma explosão no paiol da pólvora. O seu destino faz-nos lembrar o daqueles grandes soldados que, depois de mil batalhas, vêm a encontrar a morte num simples desastre. Quis, porém, o povo poetizar esta última página da história do reduto. E assim, a pouco e pouco, palavra aqui, palavra além, formou-se a lenda do Madeiro do Natal ou do Menino Jesus, a que há pouco nos referimos. A lenda é como a luz branca, que a óptica nos ensina formada de sete cores. Para que o seu perfume nos encante, é preciso que a história, a imaginação e o tempo se dêem as mãos... Conta-se que o Governador da praça, sem ligar importância à tradição que mandava queimar, na noite do Natal, um grande madeiro em frente da Igreja, dera ordem para o racharem e lhe lançarem fogo na sua lareira. A criada quis opor-se, mas, por fim, não teve remédio senão obedecer. Desencadeia-se, então, sobre o Castelo, uma trovoadá tremenda. Uma faísca faz explodir o paiol que ficava no último reduto, no ponto mais alto, e a fortaleza alui como um castelo de cartas. Uma das trempes da cozinha vai cravar-se na cabeça do Governador, salvando-se a criada, como por milagre. O madeiro já estava convertido em cinzas. Mas, desde então, nunca mais deixou de se queimar todos os anos na Noite do Natal...

A mais bela tradição monsanquina é, porém, aquela que se refere à forma como os sitiados do Castelo ludibriaram as imensas hostes da moirama que, depois de arrasada Idanha-a-Velha, lhe tinham vindo pôr demorado e estreito cerco. Então, os defensores do burgo, à minguá já de mantimentos, deixaram cair dos muros da fortaleza gordo vitelo — o derradeiro — que veio rebolando pela vertente da serra até chegar às tendas do inimigo, onde, ao rebentar, mostrou o trigo loiro — o último também — de que o haviam alimentado. Os Moiros, supondo os sitiados bem providos de vitualhas, levantaram o cerco e Monsanto lá ficou erguendo, altaneira, na sua torre mais perto do céu, a bandeira com a cruz azul em campo branco.

É este o feito que a aldeia celebra todos os anos no dia 3 de Maio, dia de Santa Cruz. Festa espantosa de cor e de movimento. André Villeboeuf descreveu-a nestas palavras:

«É preciso ter visto o início do espectáculo, de longe, na planície, para se avaliar bem como Monsanto, bloco insólito, rodeado de caminhos pedregosos, se assemelha a uma torre de Babel que uma multidão imensa, vinda dos quatro pontos cardiais, tomasse de assalto. É num ritmo veloz, em passadas de caçador alpino, por caminhos de cabra e atalhos, que se faz a escalada; e dir-se-ia, ao contemplar o enorme cabeçaço, um torrão de açúcar subitamente coberto de formigas trepando em espirais para o cimo. Já a vanguarda dos assaltantes ocupa o alto da cidadela, velha fortaleza de numerosos cercos, amontoado de pedra e de granito

a que o tempo quebrou os dentes, e ainda a retaguarda ocupa as primeiras muralhas».

É a apoteose de espanto a escalada do Castelo roqueiro, ao som dos compassos heróicos da «Marcha da Marcelada». Mas, desta vez, a fortaleza não resiste. Pelos caminhos da serra, desdobra-se uma cobra humana, de colorido fantasmagórico... São milhares de pessoas que entram no Castelo pela «Casa da Guarda», onde há uma curiosa inscrição do século XII, datando, talvez, da reconstrução mandada fazer por Gualdim Pais, mestre dos Templários. Trepam até à «Cidadela», onde se vêem a «Cisterna», a «Torre de Menagem» e a «Porta Falsa». E, sempre no meio de cânticos e gritos, os potes caiados de branco — espécie de dólio romano — que as montanhas transportam à cabeça, cheios de trigo e de flores, símbolos de fartura e de alegria, são arrojados ao precipício, e vêm quebrar-se cá em baixo, como outrora o vitelo, no sopé do monte, onde se erguem as primeiras casas da aldeia. Houve, porém, um exército que logrou deixar um risco de sombra na tradição luminosa da inexpugnabilidade de Monsanto: foi o exército dos séculos. O tempo, general habilíssimo, inimigo que não perdoa, soube usar de todas as suas manhas de guerreiro, de toda a sua sabedoria de grande estratega, para ir desmantelando, hoje um torreão, amanhã uma porta ameaçada, depois um lanço de muralha, agora quebrando um brasão de glória e fazendo ruir depois certa torre orgulhosa. Mas, na memória dos montanheses, ele ergue-se ainda intacto, como

vem no Livro das Fortalezas do Reino, de Duarte de Armas, com as suas cinco torres, duas das quais às ilhargas, a justificarem parte do dito espanhol que Teófilo Braga recolheu no seu «Cancioneiro Popular»:

*Monsanto, Monsanto,
Orejas de mulo ;
El que te ganar
Ganar puede al Mundo !*

«A justificarem parte» — dissemos. Porque o restante do dito encontra a sua justificação na história do Castelo e no seu reflexo eterno, que é a alma dos habitantes do burgo, descendentes dos seus defensores e defensores eles próprios dessa outra fortaleza — que se chama a Tradição —, com a qual, se não se ganha o Mundo, ganha-se, pelo menos, uma das mais fundas raízes das pátrias.



CANCIONEIRO MONSANTINO

por

Eurico de Sales Viana

PRÓLOGO



inda há muito que saber do folclore da Beira Baixa. Em qualquer aldeia ou lugarejo que se visite, aparecem sempre, à superfície, depois de algum trabalho de *escavação*, peças notáveis e valiosas para ajuntar ao pouco que hoje se conhece do folclore desta região.

Quem estas linhas escreve tem percorrido bastante da província e, grato é afirmar, nunca recolheu a casa, às vezes depois de penosas caminhadas, sem algumas dúzias de trovas, sem a música dalgum cantar desconhecido, sem algumas notas inéditas sobre coreografia. E há sempre que saber e há cada vez mais que recolher e as novidades sucedem-se

logo que se inicia nova peregrinação, por serras e vales, em demanda de quanto falta ainda para tudo se conhecer.

Por isso é cedo, muito cedo mesmo, para se escrever a História da Música Popular da Beira Baixa, desconhecidas como são muitas espécies que podem dar, pelo número e qualidade, os índices certos para o esquema duma estrutura histórica.

Só à tradição, como a milagre, se deve o terem sido trazidas até nossos dias canções cujas raízes mergulham num passado de dezenas de séculos e cujas origens remontam aos invasores e aventureiros heterogéneos que algum dia povoaram este pedaço da Terra em que derramaram seus costumes e onde se veio a erguer Portugal.

A Beira Baixa é um mosaico muito variado de costumes — no traje, na habitação, no trabalho e, então no folclore, a variedade acentua-se ainda mais. Assim, deste modo:

Quem quiser canções do mesmo desenho melódico dos cantares eslavos, terá de ouvir o LAVRADOR DA ARADA, de Malpica do Tejo, e o BENDITO, de Mação.

Quem desejar canções vindas directamente do canto gregoriano, terá de escutar as ENCOMENDAÇÕES DAS ALMAS, sempre diferentes de aldeia

para aldeia, o s. JOÃO de Casegas, do Ourondo e do Paúl, OS MARTÍRIOS, iguais em toda a província e as canções à Virgem — s.^a DA ROCHA, s.^a DAS DORES, SENHORA DO CARMO e s.^a DAS PRECES — que na Barroca, no Paúl, no Ourondo e na Pampilhosa da Serra se cantam, ainda hoje, aquecidas por apogiaturas graciosas que decoram, como filigranas, as monódias frias do cantochão.

Quem quiser surpreender o «solução medieval» — palavra cortada por pausa musical — preste a sua atenção ao s. JOÃO de Casegas e à velha canção da SENHORA DO ALMURTÃO.

Quem quiser ver e ouvir modinhas coreográficas acentuadamente do século XVIII, procurará em Aranhas, em Almededa e no Paúl as danças mímicas do MATA-ARANHA, do CARACOLINHO e do PADRE CAPUCHO.

Quem não quiser deixar de ouvir algumas canções, cuja melodia assenta nas notas brancas e seguidas da flauta de Pã, terá de esperar que lhe cantem a vetusta CANTIGA DA CEIFA, de Monsanto, e a maravilha altíssima que é a canção da SENHORA DOS ALTOS CÉUS, da Lousa.

Quem desejar uma canção de pronunciado sabor gaulês, terá de ir a Monsanto e pedir que lhe cantem a altaneira MARCELADA.

Canções do chamado, até agora, «modo andaluz», aí estão elas na larga

faixa de campo farto que se conhece por «Arraia» — O SET'ESTRELO, da Zebreira, ERAS TÃO BONITA e a CANÇÃO DE AMOR, de Monsanto. Mas, aqui, cabe uma prevenção para que se não diga erradamente que as canções da Beira Baixa participam de influência espanhola. Nunca! Muitas das canções que na Arraia se cantam hoje, existiam desdantes que raiasse a aurora de Portugal e antes que a Espanha formasse o todo que hoje é, no meio etnográfico e particular que é a bacia do Alto Tejo, da qual uma parte está integrada na Beira Baixa. Assim, essas canções, entregues às mãos irresistíveis do tempo e da evolução, impostos por uma língua e nacionalidade novas, tornaram-se independentes mas continuaram semelhantes, originárias como eram de tronco comum. É um pouco o caso da formação da Língua Portuguesa. Não abdiquemos, pois, daquilo que é nosso: reivindicemos para a Beira Baixa os cantares que à sua Arraia tão justamente pertencem e aceitemos para essa forma musical a designação de «modo arraiano» até que os eminentes cheguem a acordo sobre o nome certo por que esse modo se deve denominar. Cabe aqui dizer que, ao contrário daquilo que muita gente pensa, é junto às fronteiras da Pátria que arde com mais ala o amor da independência; é ali onde a chama patriótica é mais ardente e mais alta e ouçamos como o patriotismo arraiano transpira em seus cantares:

*Senhora do Almurtão,
Minha tão lind'arraiana :
Voltai costas a Castela,
Não queirais ser castelhana !*

Velha quadra esta que já vem dos tempos em que havia Reino de Castela. Na verdade, a arraiana S.^a do Almurvão vive na Arraia e tem a sua morada

*Na campanha da Idanha
Numa casa caleada!*

onde a Virgem está, de facto, intencionalmente ou não, de costas viradas para a Espanha.

Cantigas graciosas e alegres, embora pese a quem, não se sabe porquê, julga serem tristes as canções da Beira Baixa, vivem em Alameda com seu MALHÃO, em Aranhas com seu LUAR AMOROSO, no Ourondo com os seus OLHOS DA MARIANINHA, no Paúl com a sua FARRAPEIRA, em que os pares parecem figurinhas de Sèvres em movimentos certos de máquina de relojoaria.

Danças oriundas das arcaicas coreografias guerreiras estão hoje representadas na DANÇA DOS HOMENS, da Lousa, e na DANÇA DAS TRANCAS, de Verdelhos.

Uma dança dos templos pagãos aí a têm na DANÇA DAS VIRGENS, da Lousa, em que as figurantes lembram, pelos símbolos e atributos de virgindade que as adornam como donzelas, as vestais do culto mitológico.

Citadas algumas canções e danças para testemunhar a variedade do folclore da Beira Baixa, que tão pouco conhecido é, quantas particularidades documentárias mais haverá, escondidas, tímidas e aninhadas, por esse rincão abençoado da Beira, velho baluarte da Tradição!



Surge agora Monsanto — «Aldeia mais portuguesa de Portugal» — nobre e grimpante, sobranceira, com os alcantis das suas rochas, com seu castelo e templos medievais, com seus solares brasonados, com suas casas e penedos anagalhados, terra de tradições que vêm de muito longe, na vizinhança da Egitânia dos romanos, a dominar uma extensa região, donde, ao longe, se enxergam os castelos de Penagarcia, de Penamacor, de Sortelha, de Belmonte, de Castelo Novo, de Castelo Branco, de Idanha-a-Velha, de Ródão, de Marvão e donde se avistaram também os castelos de Idanha-a-Nova, do Rosmaninhal e de Salvaterra do Extremo — hoje... desaparecidos.

Monsanto é o Sacrário da Tradição. O seu cancionero próprio substancia todo o cancionero arraiano, a reflectir ainda o entrecocar de civilizações e de raças por aqueles sítios, em eras recuadas.



Aberto o sacrário de Monsanto, passemos em revista os seus cantares, para o que servirão de guia as descrições que se seguem, pobres de colorido e precárias da emotividade que aqueles cantares em nós espalham. Ouçamos pois essas peças de relicário, recolhidamente, como quem, num silêncio de Museu, contempla com a alma as obras magistrais dos Artistas das eras passadas que fazem o orgulho do Homem... Como quem, na mudez da noite, se sente diminuído perante a maravilha do Universo que o Firmamento nos apresenta... Como quem, na quietude dos laboratórios, se extasia perante os mistérios da Criação para cada vez mais amar a Deus — o Criador!



Inverno pleno. Na colheita da azeitona.

Homens, nos banzos mais altos das escadas, encostadas às oliveiras, ripam com cuidado os frutos que caem, como chuva, desamparados, sobre mantas estendidas no chão.

Raparigas recolhem a azeitona em cestos de verga, e os braços vigorosos das cirandeiras atiram ao alto os frutos preciosos, que voltam a cair nas cirandas, libertos das folhas que o vento, na subida e na queda, arrastou para longe.

E vai de cantar-se a MODA DA AZEITONA (n.º XII) que, por encanto, tão bem se ajusta ao trabalho da colheita que antecede a faina dos lagares, donde há-de correr abundante o azeite doirado que alimenta e alumia.



Natal. Sopra rijo do Nordeste.

Carreia-se o madeiro grande para a fogueira enorme com que o povo, em sua ternura, quer aquecer e amimar Jesus Cristo que vai a nascer. Cresce o entusiasmo. Velhos, rapazes e crianças, todos à uma, ajudam a ascensão do carro pesado, por ladeiras empinadas, até ao Adro da Igreja. Ninguém se cansa e grita-se de todos os lados:

*Viva quem emprestou o carro !
Viva quem emprestou os bois !
Viva quem deu o madeiro !*

*Viva Jesus !
Morra quem o pôs na cruz !*

Depois, à meia-noite, Jesus é nascido. A fogueira está no auge e a dança das chamas é cada vez mais fantástica no drama da combustão. Pela noite escura, rapazes e raparigas partem a cantar as JANEIRAS (n.º XV) pelas portas das pessoas gradas da aldeia.

O cântico tem o ar litúrgico das grandes solenidades e a escuridão é apenas violada pela luz frouxa das alanternas de azeite que, a medo, apõem laivos de zarcão e amarelo nas fisionomias rudes dos cantores.



Quaresma, às sextas-feiras. Está de pé o Culto do Mortos.

Ruas desertas. Pela noite velha, dos cruzeiros, grupos de homens e de mulheres, trajados de nojo, confundidos com a sombra, aventam um canto plangente de ofício litúrgico — a ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS (n.º VI):

*Ricordai, ó irmãos meus,
Nesse sono em qu'istais...*

Desprendem-se duma campainha três badaladas de bronze, compassadas como lamentos de agonia... E, na escuridão e no silêncio da noite, de todos os lares se alevanta um murmúrio ciciado por mil bocas:

*Padre Nosso qu'istais no Céu,
Santificado seja o Vosso Nome...*

que se eleva humilde até ao Altíssimo, a pedir a esmola dum futuro no Céu para os entes queridos que do Mundo já não são.



No campo e na Quaresma. Surge por entre o trigo a erva maninha, que se torna mister extinguir para que a seara viva a sua vida esperançosa. Bandos de raparigas, como bandos de passarinhos, dedicam o seu esforço ao trabalho da monda, espalhadas pelos trigais adolescentes, a prometer fartura.

Porque é quaresma estão interditas as canções profanas, mas canta-se e cantam-se todo o santo dia os MARTÍRIOS (n.º XVII) da Paixão de Cristo. E assim a canção religiosa acompanha a lide do campo, onde se trabalha, a louvar a Deus.



Sábado de Aleluia. Rescende a Natureza em olores penetrantes das plantas, na sintonia de abertura da Primavera. Os altares desnudados cobriam-se já com as melhores toalhas e ornaram-se de cheirosas flores.

Jesus vai ressuscitar.

A meia-noite e à porta da Igreja, reúnem-se mulheres para rezar as dezoito coroas que são contadas por dezoito pedrinhas que, da mão da mais velha, se vão soltando à medida que a reza vai seguindo. Segue-se o CÂNTICO DAS ALVÍSSARAS (n.º IX). Primeiramente à Virgem

*Qu'ó vosso amado Filho
Já tornou a rissurgir.*

depois junto à residência do pároco:

*Ricordai, Senhor Prior,
Ricorde, não durma tanto.*

seguindo-se, logo depois, para a capela do Espírito Santo e para as outras capelas da aldeia.

Nesta canção, deveras notável por ser modal, reúnem-se desenhos melódicos da DIVINA SANTA CRUZ e da SENHORA DO ALMURTÃO e avulta ainda, como certidão de seu arcaísmo, o «solução medieval» entre as duas notas do quarto compasso.

Entrou-se na Páscoa da Ressurreição.



Balcão alpendrado, de pedras a três e três, que o Sul aquece.

Sardinheiras e cravos dependuram-se, preguiçosos, das argoladas cravadas nas paredes.

No chão, um berço de verga de Alcongosta, deserto, aguarda a criança que não tarda. A mãe tem-na ao colo e amamenta-a com seu peito desnudado, macio, de alabastro, que os dedos «pai de todos» e «fura bolos» comprimem docemente, como no quadro da *Virgem do Leite*, de Frei Carlos.

Depois... dada a maminha, no regaço, a mãe compõe as baetas e aperta o cingidoiro, não vá o menino «quebrar». Deborcada a criança, segue-se uma cruz talhada sobre os rins, com a mão direita estendida, por causa do «mau olhado». E o menino azadinho, é posto no berço, devagar, como um tesoiro, e cobre-se com uma manta de casteleta escarlate debruada a negro, em ponto de caseado, às meias-luas pequeninas.

A criança teima em não se adormecer embora tenha semi-cerrados os olhitos que um sono confortante quer fechar. A mãe embala o filho enternecidamente... a cantar. O berço é, no seu ranger, a baloiçar, o maestro mágico que marca o andamento (n.º XVIII).

*José, embal'ò manino,
Qu'a Sinhora logo vem...
Ó!... Ó!... Ó!...*

E quando o filho já se dorme, em seu sono descansado, a mãe contempla a razão do seu amor e o fruto das suas entranhas, perante a inter-

rogação do futuro que se abre na sua frente e dos lábios maternais evolva-se, como pena a voar, uma prece, uma oração à Senhora do Castelo, para que ao filho dê saúde e cabeça para as letras, para que ao pai não suceda acidente e para que saúde e trabalho — a maior riqueza de quem é pobre — lhes não sejam somenos.



Domingo do Bom Pastor. Vésperas da Senhora do Almortão.

Depois da missa do dia, tudo e todos se preparam para a abalada até à romaria da Senhora do Almortão. É preciso cumprir promessas, mitigar a ânsia do prazer ou satisfazer caprichos de namoro ainda encoberto.

Carros de bois enfeitados e cobertos de mantas, onde se fixaram flores de papel, cavalos com mulheres à garupa, mansos burros, tudo serve para conduzir os romeiros por aquelas quatro léguas compridas.

Vão violas, vão ferrinhos, vão adufes, vão harmónios.

A canção da SENHORA DO ALMURTÃO (n.º XI) é o canto obrigatório da jornada :

*Senhora do Almurtão,
Para lá eu vou andando...*

E ao atravessar o Ponsul:

*Senhora do Almurtão,
Vinde-m'a 'sperar 'ò rio...*

A Natureza está na sua festa da Primavera e desentranha-se em flores. Pelos altos são as giestas brancas e amarelas, os rosmanos, os alecrins, as torgeiras roxas e alvadias, as estevas brancas maculadas pelas «cinco chagas» e até as carquejas vaidosas apresentam suas flores de ouro de altar envelhecido. Nos vales, a margaça faz alvejar as terras negras com seu branco de nevão.

Os romeiros vão andando e só param para comer dos seus farnéis, dar descanso às alimárias e para repousar e alegrar o espírito com algum jogo de roda ou moda de «balhar».

Despede-se o Sol com seu adeus de fogo a tingir o Poente.

São chegados os romeiros à Romaria.

*Senhora do Almurtão,
Dai-me esse manino, dai!
Dai-mo, casarei com ele...
Será genro de meu pai!*

A noite passa-se a ver o fogo, a bailar e a namorar, que o dormir fica guardado só para quando não há mais que fazer.

Ao outro dia, cumpridas as promessas, decorrida a procissão, mais duas voltas na dança e, compradas as lembranças para os amigos que ficaram na aldeia, toca a caminho, antes que a noite alague de sombras e de mistérios a Terra e o Céu.

*Senhora do Almurtão,
Meu coração cá vos fica...*

E naquele levantar de arraial, antevê-se que a jornada é longa e um torpor aparece a amolentar os músculos e a dominar os nervos, cansados de vibrar, e nasce breve o desejo de chegar cedo a casa, que o prazer, por fim, também cansa.

*Meu coração se vai rindo,
Meus olhos vão a chorar...*

Desmantelados os ornamentos dos carros, extinta a alegria da festa, só os bois e os cavalos e os mansos burros vão contentes e ligeiros pelo caminho que reconhecem e lhes anuncia o regresso às mangedoiras.



O trabalho do campo é árduo e contínuo. No fim da primavera fazem-se os alqueves para a sementeira do outono. Lavram-se as terras ainda moles da humidade invernal e os bois pachorrentos vão desenhando a negro, de mansinho, as tornas na terra verde, em fiadas seguidas, como pinceladas de aguarela.

Os criados da lavoura vão entretendo os bois, a cantar a sua monódia de ABOIAR (n.º XX) que misturam com a sinfonia tilintante das campainhas pendentes das coleiras dos animais. A aguilhada indica a marcha e a contramarcha e vai dirigindo os sulcos geomètricamente paralelos, nas rectas extensas e nas curvas concêntricas das voltas.



O Três de Maio.

As barreiras altas do Castelo vão pejadas de gente apressada por sobre o lajedo granítico. Os potes votivos, caiados a branco e ornamentados de flores e de folhagem, vão à cabeça de mulheres desenvoltas, cheios

de trigo e de flores. Tocam harmónios e os adufes em cadência marcial. As *marafonas* vão nas mãos das raparigas que as balouçam ao ritmo certo da marcha.

Chegados ao mais alto das muralhas, lançam-se os potes pela encosta íngreme e penhascosa, ao grito de:

Lá vai o cântaro !

Lá vai o cântaro !

E os potes abandonados rebentam ao contacto com as rochas, fazem-se em estilhaços e desventram-se em flores e em trigo.

Rompem as aclamações e os sobreiros multi-seculares parece ajoelharem pela encosta acima, recordados da façanha heróica que eles testemunharam. E ao azul do céu erguem-se rajadas de som estridente em que vibra unísono o CÂNTICO DA DIVINA SANTA CRUZ (n.º XIV), como hino de vitória a lembrar que outrora — há tanto tempo que se perdeu o nome do alcaide do Castelo, que se esqueceu a era do cometimento, que se ignora a raça dos sitiantes — o Castelo esteve cercado um ror de meses... e rareavam as virtualhas mais o trigo, mais a água... e as crianças morriam-se à minguia de alimento... e subiam ao Céu os clamores dos sitiados rasos de fome... e o alcaide mandara que a última vitela fosse atirada, bem gorda, aos sitiantes do mais alto adarve... E os sitian-

tes que, parece, não viviam também na abundância, cansados de tão demorado assédio, levantaram o cerco e demandaram outras paragens, admirados da fartura dos sitiados.

O ardil do alcaide temerário dera o resultado previsto e desejado e ficou o cântaro a simbolizar a vitela e, todos os anos, os montaninos comemoram o feito com festa rija e estranha, que deslumbra pela sinceridade e pela beleza.

Nesta festa, com o cenário de maravilha do Castelo, com a indumentária alacre e a mocidade berrante das raparigas, associadamente, se comemora a vitória dos cristãos, se rende culto à Divina Santa Cruz e se presta homenagem a Maia — a Deusa da Fecundidade dos pagãos — para o que as *marafonas* não têm senão o significado de «ex-votos».



Julho. O Sol arde como brasas vivas de azinho.

A seara tem ondulações de mar mediterrânico, e treme o ar e treme a luz e a sombra deixou de existir.

Homens de lenço ao pescoço, para empapar o suor, estão recurvados sobre o trigo doirado que há-de dar o pão para a boca e a farinha para

a Hóstia. Os braços negros e retesados vão ceifando as gavelas com que se fazem as paveias e duas paveias fazem um molho e os molhos os rolheiros.

O Sol abrasa e o restolho queima, mas a faina continua.

Água, venha água...

é o grito aflitivo do dia. E uma rapariga, veloz como lebre, numa rodaviva, leva a todos, em cântara de barro, o líquido precioso que mata a sede e refresca e apaga o fogo ateado dentro deles, como a querer devorá-los.

Mas, embora o trabalho seja penoso, ouve-se da boca dos ceifeiros:

*Manina, não se namore
Do rapaz qu'embisg'ò olho...*

a que raparigas lépidas respondem de seguida, na sua oitava superior:

*Por cima se cêf'ò pão...
Por baxo fic'ò ristolho!*

É a CANTIGA DA CEIFA (n.º XIX), cantiga tão velha, que está moldada

nas notas da *syrinx* dos lígures que — quem sabe? — por ali apascentaram seus gados e trilharam as terras com arados irmãos dos que ainda hoje ali lavram nas tornas dos alqueves.

E a canção cai sobre o campo, como a bênção de Deus e o suor dos homens cai na terra abençoada, e tem a ondulação constante e mansa da seara.



Há ainda a referir, como entretenimento dos ócios aldeões, os jogos de roda como o MANEL CHANÉ (n.º II) o TAIPUM (n.º VII) e o VAI-TE EMBORA, MEU BENZINHO (n.º XXI), de graciosa marcação.

Não se podem esquecer as modas de «balhar»: a MARGAÇA (n.º XVI), o PAPAGAIO-OLH'À ROLA (n.º VIII) e o SENHOR DA SERRA (n.º I), danças animadas, em duas linhas, homens a um lado e mulheres a outro.

A caminho das romarias cantam-se as cantigas alegres e marciais da MARCELADA e da MARIA DA CONCEIÇÃO (n.ºs XIII e V).

No recolhimento caseiro há sempre modinhas de embrechado remoto e grácil que encantam pela toada e pela ingenuidade das trovas, como a CANÇÃO DE AMOR (n.º IV) e o ERAS TÃO BONITA (n.º XXII).

E os serões de inverno, em volta da braseira que sempre chega para todos, são menos monótonos quando alguma velhinha entoa romances como a CONFISSÃO DA VIRGEM (n.º X) ou a ROSA, A PASTORINHA (n.º III).

BIBLIOGRAFIA

Não há razões para serem citados aqui quaisquer autores onde fossem inspiradas as ideias que presidiram à elaboração deste trabalho. O prólogo, a recolha do Cancioneiro ou a representação dos cantares de Monsanto — tudo quanto aqui fica — se deve simplesmente à apreciação e sentimento do autor, porque não houve a pretensão de produzir um estudo musical científico de Folclore.

É-nos gratíssimo recordar, entretanto, que o primeiro trabalho de recolha e estudo do folclore desta tão simpática aldeia beiroa foi feito pelo espírito brilhante de António Joyce, no Relatório da Junta Provincial da Beira Baixa para o Concurso da «Aldeia mais portuguesa de Portugal» — publicado no volume IV de «Ocidente», a páginas 99, 276 e 445. Seja-me, por isso, permitido prestar a minha homenagem de camarada e amigo a quem, tão sentidamente, primeiro se ocupou do folclore Monsanto.

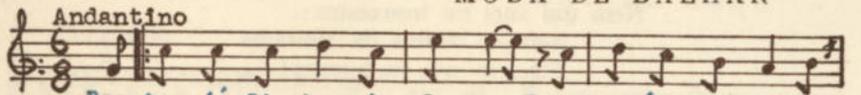
O AUTOR.



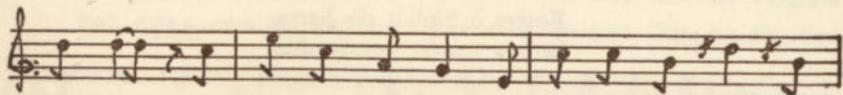
SENHOR DA SERRA

MODA DE BALHAR

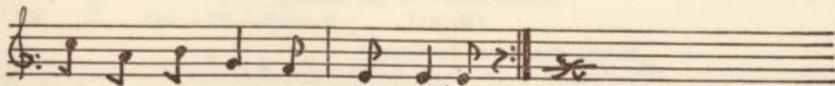
Andantino



Fos-tes ó Si-nhor da Ser-ra Fos-tes ó Si-nhor da
Nem os moi-ros da Moi-re--ma Nem os moiros da Moi-



Ser-ra Nem um a--nel me trouxes-tes ó ai Nem
re--ma Fi--ge-ram qui tu fi--ges-tes ó ai Fi-



um a--nel me trou-xes-tes
ge-ram qui tu fi--ges-tes

As armas do meu adúfi
São di pau di laranja;
Oh ai!
São di pau di laranja!
Quem havera d'o tocári
Há-de ter a mão legera!
Oh ai!
Há-de ter a mão legera!

Fostes ò Senhor da Serra
Nem um anel mi trouxestes...

Oh ai!

Nem um anel mi trouxestes...
Nem os moiros da Moirama
Figerem qui tu figestes!

Oh ai!

Figerem qui tu figestes!

Fostes ò Senhor da Serra
Sem a minha companhia,

Oh ai!

Sem a minha companhia ;
Levastes na tua frente
Nossa Senhora da Guia!

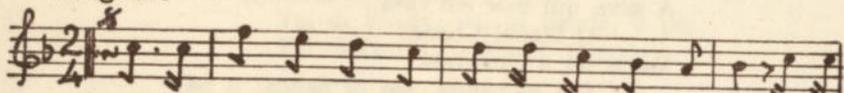
Oh ai!

Nossa Senhora da Guia!

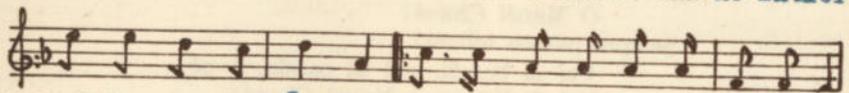
M A N E L C H A N É

JOGO DE RODA

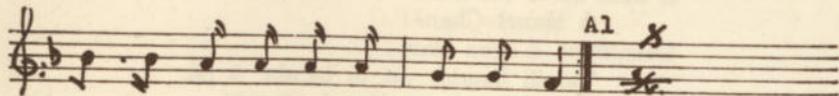
Alegreto



Quem qui_zer qu'a silva cresc'ó Ma_nel Cha_né Po_nha
Vai cres_cen-do vai dê_tan_d'ó Ma_nel Cha_né En_lei-



na pal_ma da mã_o Vai di ban_da Vai di ban_d'ó pé
os ó co_rã_çã_o



Vai di ban_da ó Ma_nel Cha_né

Quem quiser qu'a silva creça,
Ó Manel Chané!

Ponh'à na palma da mão;

Vai di banda, vai di banda, ò pé,

Vai di banda, ó Manel Chané!

Vai crescendo, vai deitando,

Ó Manel Chané!

Enleos'ò coração!

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

A silva qui nasc'em casa,

Ó Manel Chané!

Vai a ter à cantarera;

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

A mulhéri bem casada,

Ó Manel Chané!

Sempre parece soltera!

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

O meu amor mi chamou,

Ó Manel Chané!

Garrafinha d'água clara;

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

Tamém lh'eu chamei a ele,

Ó Manel Chané!

Os olhos da minha cara!

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

O meu amor mi dexou,

Ó Manel Chané!

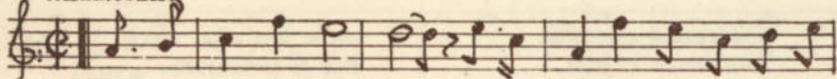
Só por ver o qu'eu faria...

Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!
Julgava qu'eu qui chorava...
Ó Manel Chané!
Eu di contente mi ria!
Vai di banda, vai di banda, ò pé,
Vai di banda, ó Manel Chané!

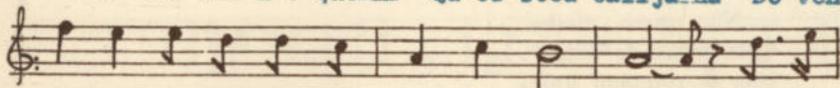
ROSA, A PASTORINHA

ROMANCE

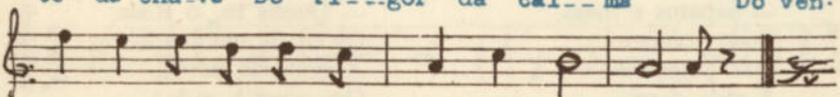
Andantino



Linda pas--to-ri--nha Além da ri-be-ra Ti-ra-
O Sol não m'i que.ma Qu'eu'stou calija.da Do ven-



-te do So-li Do Sol qui ti que--ma Ti-ra-
to da chu-va Do ri--gor da cal--ma Do ven-



-te do So--li do Sol qui te que---ma
to da chu--va do ri---gor da cal--ma

— Linda pastorinha,
Além, da ribera...
Tira-te do Sol,
Do Sol qui ti quema!

— O Sol não mi quema,
Qu'eu 'stou calijada

Do vento, da chuva,
Do rigor da calma!

— Linda pastorinha,
Qui fazes aqui?
— A ver do meu gado,
Qu'eu aqui perdi!

— No cimo da serra
Ouvi berrar gado...
— São três ovelhinhas
Qui tẽem faltado.

— Dai-m'a cestinha,
Tam'ém o cajado,
Qu'eu as vou buscar
Com tod'ò cuidado!

— Não quero criados
Com mêas de seda...
Que se rompem todas
Por essa esteva!

— Sapatos e mêas,
Tudo rompereii...
Pela pastorinha
A vida darei!

.....
.....
.....
.....

— O teu gado, ó Rosa
Trag'ò eu aqui...
Vem-te, pastorinha,
Par' ò pé de mi!

— Vá-se d'aí, home,
Não 'stej'à entretêri...
'Stá p'ra vir meu amo,
Trazer-m'ò comêri!

— Se teu amo viéri
Por ti procurara...
Foi 'ma núvia d'água
Qui por 'qui passara!

.....
.....
.....
.....

— Queris tu, ó Rosa,
Qu'eu dê um brado
À genti do povo,
Que acud'ò gado?

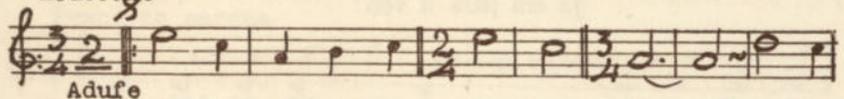
.....
.....
.....
.....

— Ó genti do povo,
Acudi 'ò gado...
Qu'abal'à pastora
C'ò seu namorado!

CANTIGA DE AMOR

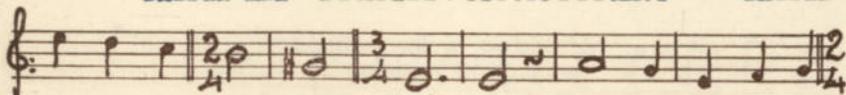
Moderato

CANÇÃO

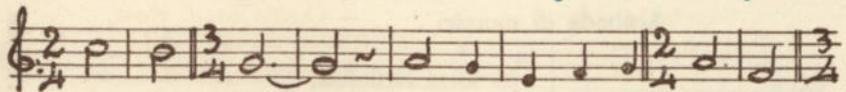


Adufe

Quan-d'eu e-ra pe--ca--ni--nha Quan-d'eu
'In-da mal a bri--ós--ó--nhos 'In-da



e-ra pe--ca--ni--nha A--ca--ba-da di
mal a--bri--ós--ó--nhos já e--ra pa-ra

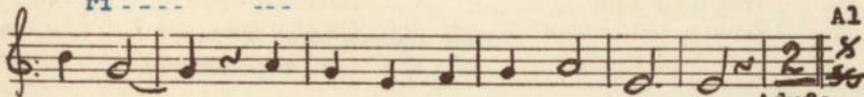


nas--ce--ri A--ca--ba-da di nas--ce--
ti ve--ri A--ca--ba-da di nas--ce--

1ª vés



ri-- -- -- Ó ló ai la--ri--ló--
ri-- -- --



le--la-- -- -- Ó ló ai la--ri--ló--ló--

Al

Adufe

Quand'eu era pecanina,
Acabada di nascêri,
'Inda mal abri'òs olhos...
Já era para ti vêri!

Acabada de nascêri.

Ó ló ai larilolela,
Ó ló ai larilóló.

Quand'eu já for velhinha,
Acabada di morrêri,
Olhem bem par'òs meus olhos...
Sem ter vida, querem vêri!

Acabada di morrêri.

Ó ló ai larilolela,
Ó ló ai larilóló.

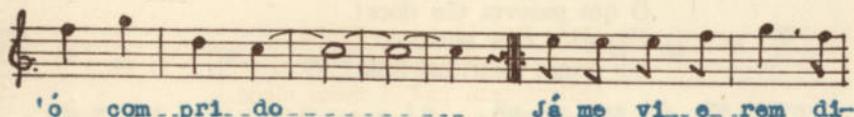
M A R I A D A C O N C E I Ç Ã O

CANÇÃO

Tempo de marcha



De__bai_xo do ri__o nas_cem vi__o___le_tas



'ó com__pri_do----- Já me vi__e__rem di__



ze__ri qui tu quer's casar co__mi__go-----

Debaxo do rio nacem
Violetas ò comprido;
— Já me vierem dizêri
Que não quer's casar comigo!

— Eu casar contigo, sim;
Mas, por 'ora, 'inda não.

Amanhã, por estas horas,
Ti darei o sim ò' não!

— Amor, se quer's qu'eu t'iscreva,
Dá-m'a tua direcção.
Eu sou lá da Monsantela...
Maria da Conceição!

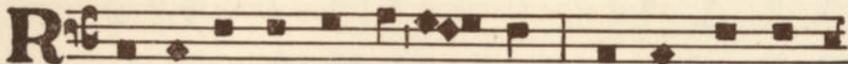
— Maria da Conceição!...
Ó qui palavra tão doce!
Dava-t'o meu coração
S'o teu 'ò meu leal fosse!

— Em volta do rio nadem
Violetas amarelas;
À porta do meu amor
'Stá um lindo vaso delas!

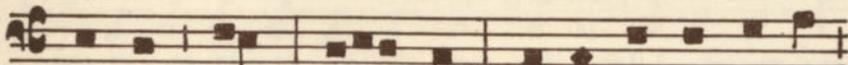
ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

CÂNTICO RELIGIOSO

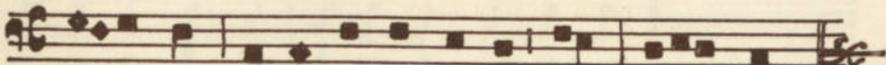
Lento



...i...cor...dai ó ir...mã...os meus nês...se so.no



em qu'esta...ta...a...is Re...ze...mos um Pa...dre



Nos...so Por alma de nos...sos pa...a...is

— Três badaladas —

*Padre Nosso, qu'estais no Céu,
Santificado seja o Vosso Nome...*

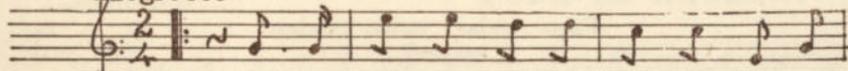
Ricordai, ó irmãos meus,
Nesse sono em qu'estais!
Rezemos um Padre Nosso
Por alma de nossos pais!

Ó almas qu'estais dormindo
Nesse sono tão profundo!
Rezemos um Padre Nosso
P'las almas do outro mundo!

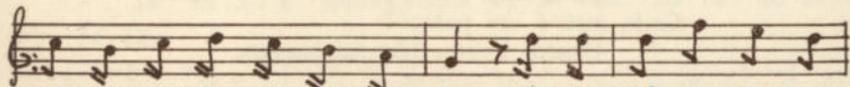
T A I P U M

JOGO DE RODA

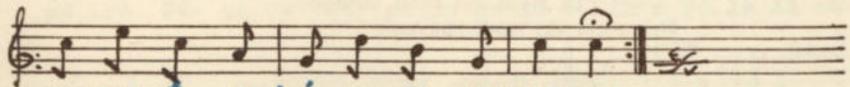
allegretto



O ba...lão da nos...sa a...ma Ai tai-
Quan...do vai par' á co...si...nha Ai tai-



pum bi...ri...bi...ri bi...ri...bum É com' á ro...da dum
pum bi...ri...bi...ri bi...ri...bum Faz a...ba...nar o so-



car-ro É com' á ro...da dum car-ro
bra-do Faz a...ba...nar o so-bra-do

O balão da nossa ama,
Ai taipum,
Bíri bíri
Bíri bum!
É com'à roda dum carro ;
É com'à roda dum carro!
Quando vai par'à cozinha,
Ai taipum,
Bíri bíri

Bíri bum!
Faz abanar o sobrado.
Faz abanar o sobrado!

Faço rendas, vendo rendas...
Ai taipum,
Bíri bíri
Bíri bum!
Cada metr' é um pataco ;
Cada metr' é um pataco!
Quatro metros não mi chegam
Ai taipum,
Bíri bíri
Bíri bum!
Prà roda do meu casaco!
Prà roda do meu casaco!

Faço rendas, vendo rendas...
Ai taipum,
Bíri bíri
Bíri bum!
Cada metr' é um tostão ;
Cada metr' é um tostão!
Quatro metros não mi chegam
Ai taipum,
Bíri bíri
Bíri bum!
Prà roda do meu balão!
Prà roda do meu balão!

PAPAGAIO, OLH'À ROLA

Andantino

MODA DE BALHAR

Pa-pa-ga-io o lh'á ro-la Ai o lh'á ro-la coi-ta-
lá ba-xo à co--sinha Ai lá ba-xo e qu'e-la

1ª vés

di-nha Pa-di-nha Ai Quem quizer casar c'a rola Ai vá
mo--ra Vá-mo-ra Ai pa-pa-ga-io o lh'á ro-la Ai va-

1ª vés Fim AI

lá ba-xo à co--sinha Ai Quem si-nha Vá
pa--ga-io vi-r'á--go-ra Ai Pa-go-ra

Papagaio, olh'à rola,

Ai!

Olh'à rola, coitadinha...

Ai!

Quem quiser casar c'a rola

Ai!

Vá lá baxo, à cozinha!

Vá lá baxo, à cozinha,

Ai!

Lá baxo é qu'ela mora;

Ai!

Papagaio, olh'à rola,

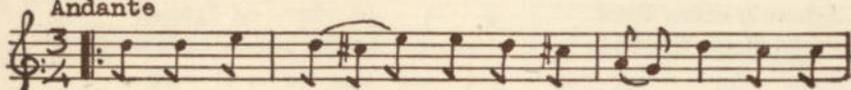
Ai!

Papagaio, vir'àgora!

ALVISSARAS

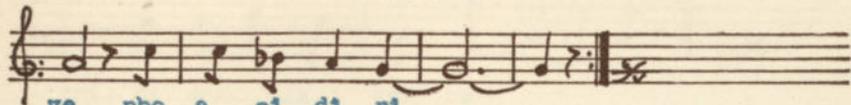
CÂNTICO DA PÁSCOA

Andante



Ai Dai-m'al...vi...ças, ó Si.nho...ra Qu'eu as

Ai Sál...va...ção... pa-r'á mi-nh'alma Gra...ça



ve...nho a pi...di...ri...---

pa...ra mi ser...vi...ri...---

Ai!

Levantei-me madrugada

A varrer o meu balcão ;

Ai!

Ouvi os anjos cantar :

Aleluia, 'Surreição!

Ai!

Dai-m'as alviss'as, Sinhora,

Que as venho a pedir,

Ai!

Salvação par'à minh'alma,

Graça para mi servíri!

Ai!

Dai-m'as alviss'as, Sinhora,

Eu vos as venho pedir!

Ai!

Qu'ó vosso amado Filho

Já tornou a rissurgir!

Ai!

J'apareceu 'Aleluia ;

Ditoso di quem 'àchou!

Ai!

Achou- 'ò senhor Prior,

No sacrário a fechou!

Ai!

J'àpariceu 'Aleluia,
Quem 'àchou, quem 'àcharia!

Ai!

Achou-'ò senhor Prior
Fechada na scristia!

Ai!

Ricordai, senhor Prior,
Ricorde, não durma tanto!

Ai!

Já vimos da Igreja,
Vamos par'ò 'Sp'rito Santo!

CONFISSÃO DA VIRGEM

ROMANCE

Andante

Eu já vi nas...ce...r'o So...li Lá de...
C'u...ma ca...pi...nha ver...me...lha Que lh'a
trás da...que...la ser...ra
deu a Ma...da...ne...la

The musical notation is in G-clef, 2/4 time, marked 'Andante'. It consists of two staves. The first staff begins with a double bar line and a repeat sign. The lyrics are written below the notes. The second staff ends with a double bar line and a repeat sign.

Eu já vi nascer o Sóli
Lá, detrás daquela serra,
C'uma capinha vermelha
Que lh'a deu a Madanela!

Confessar-se foi a Virgem
Numa manhã dum domingo...
Não por ela ter pecados
Nem por tê-los cometido.

.....
Foi só por guardar preceito
O seu Unigénito Filho!
.....

— Ó senhor padre de missa,
De confissão m'há-de ouvir...
Eu venho já ocupada,
Venho em vesp'ras d'assistir...

O padre se assentou,
A Donzel' ajoelhou...
O padre tanto que viu,
Pensamento duvidou!

.....
O ventre qu'Ela levava
Tod'à Terr 'àlumiava!
.....

.....
— Ó senhor padre de Missa,
Vamos a rimir pecados.
.....

.....
Vamos pelos mandamentos,
Que são mais velhos que a nós...
.....

— O primeiro qu'Eu amei
Foi a Deus mais que a vós;
Não sei se farei 'scândula
Chamar a Jasus por Vós...

— O segundo qu'Eu jurei
Uma jura de contin'ô;
Em vint' e cinco de Março
Encarnei o Verbo D'vino...

— O terceiro qu'Eu guardei
Os dias que festa são;
Em vint' e cinco de Março
Tive grand' òcupação...

— O quarto qu'Eu honrei
Um só Deus todo Pod'roso;
Não sei se farei 'scândula
Chamar a Jasus, Esposo...

— O quinto que Eu matei
O demónio infernal;
Por conceber o Meu Filho
Sem pecad' òriginal...

— O sexto qu'Eu desejei
Ter idade de minóri,
Ser Esposa de Jasus
E Mãe do Divino Sóli!

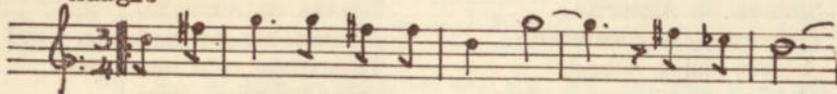
— Ó senhor padre de missa,
'Stá 'cabad'à confissão.
P'lo amor de Deus lhe peço
Que me dêt' àbsolvição!

— Levantai-Vos, Pombinha Branca,
Meu Espelho Cristalino!
'Sp'rito Santo Vos absolva...
Eu, Senhora, não sou digno!

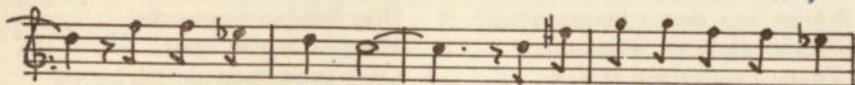
SENHORA DO ALMURTÃO

CÂNTICO RELIGIOSO

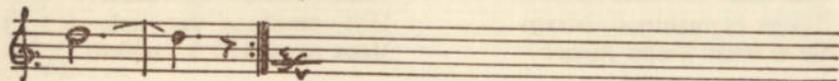
Adagio



Si-nho--ra do Al-mur--tão On-de ten-
Na cam--panha da I--da--nha Nu-ma ca-y



-- des a mo---ra--da On-de tendes a mo--ra-
-- sa ca-le---a--da Nu-ma ca-sa ca-le--a-



da

da

Sinhora do Almutão,
Onde tendes a morada?...
Na campanha da Idanha,
Numa casa caleada!

Sinhora do Almutão,
Para lá eu vou andando.
Minha alma já lá 'stá,
Meu coração vai chegando!

Sinhora do Almutão,
Mandai sol, qui quer chover;
Qui si molham os vestidos,
Virgem, di quem vos vem ver!

Sinhora do Almutão,
Qui tendes na mão aberta?
A alma duma donzela
Qui lh'a trouxeram d'oferta!

Sinhora do Almutão,
Quem vos deu o manto vêrdi?
'Ma manina de Monsanto,
Duma doença qui têvi!

Sinhora do Almutão,
Qui dais 'ò Vosso Manino?
Todos os maninos choram
Só o vosso s'está rindo!

Sinhora do Almutão,
Qui dais 'ò Vosso Manino?
Di manhã, papinha doce,
À noite, lête divino!

Sinhora do Almutão,
A vossa bênção me cubra;
Tenho mãe, não tenho pai,
Sou filha duma viúva!

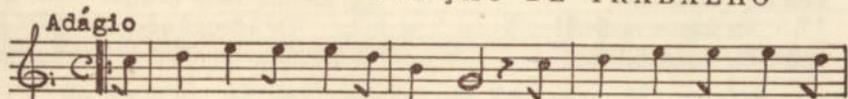
Sinhora do Almutão,
Meu coração cá vos fica;
Preso 'ò Vosso altar
Com var'e meia de fita!

Sinhora do Almutão,
Minhas costas vou voltári;
Meu coração si vai rindo,
Meus olhos vão a chorári!

A M O D A D A A Z E I T O N A

CANÇÃO DE TRABALHO

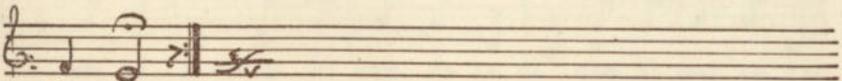
Adágio



Os a...mo-res d'azei-to-na Os a...mo-res d'a-zei-
A...ca-ba-da á-zei-to-na A...ca-ba-da á-zei-



to-na O-r'a-deus a-de-us São com'ós da co-to-
to-na O-r'a-deus a-de-us Fi-ca-te com Deus Ma-



vi...a

ri...a

Os amores d' àzêtona
Or' àdeus, adeus!
São com' òs da cotovia;
Acabada a azêtona
Or' àdeus, adeus!
Fica-te com Deus, Maria!

Azêtoninh' àssaria
Or' àdeus, adeus!
Já morreu quem t' apanhava!
Agora ficarás toda
Or' àdeus, adeus!
Por esse chão espalhada!

Já o sol vai arraiando
Or'adeus, adeus!
Por cima das oleveras;
Varijai, varijadores
Or'adeus, adeus!
Apanhai, apanhaderas!

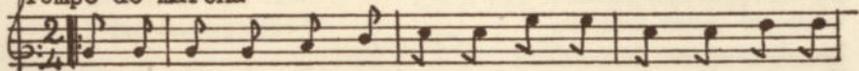
Azêtona cordovili
Or'adeus, adeus!
Det'ò azêt' amarelo;
Qu'alumia todo o ano
Or'adeus, adeus!
A Senhora do Castelo!

Fica-te com Deus, Maria,
Or'adeus, adeus!
Fica-te com Deus, ó flôri,
Na companhia dos anjos
Or'adeus, adeus!
Mai' na graça do Sinhôri!

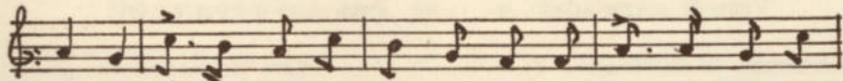
MARCELADA

MARCHA

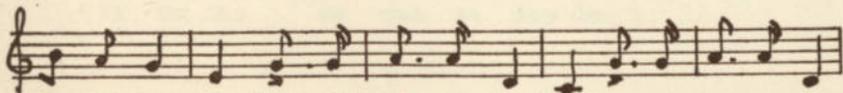
Tempo de marcha



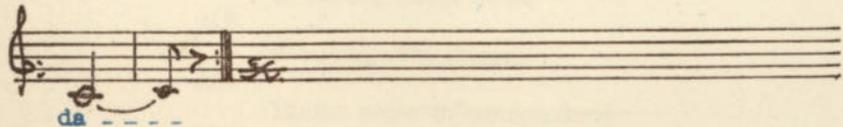
Eu ve-nho di mar--ce.la..da Ve--nho di co.lher már-



ce..la Lá dos cam-pos do Cas-te..lo Da--que..la mais



a--ma-re..la Vem di mar..ce.la..da Vem di mar..ce.la-



Eu venho di marcelada,
Venho di colher lourero

Lá, dos campos do Castelo,
Daquêli má's ramalhero!

Vem di marcelada,
Vem di marcelada!

Eu venho di marcelada,
Venho di colher marcela,
Lá, dos campos do Castelo,
Daquela má's amarela!

Vem di marcelada,
Vem di marcelada!

Eu venho di marcelada,
Venho di colher um cravo,

Lá, dos campos do Castelo
Para dar 'ò namorado!

Vem di marcelada,
Vem di marcelada!

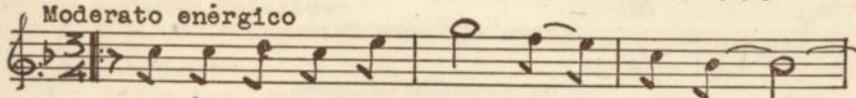
Eu venho di marcelada,
Venho di colher 'ma flôri,
Lá, dos campos do Castelo,
Para dar 'ò meu amôri!

Vem di marcelada,
Vem di marcelada!

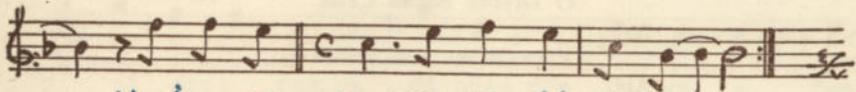
D I V I N A S A N T A C R U Z

CÂNTICO RELIGIOSO

Moderato enérgico



Ai Ó de..vi..na San..te Cruz ----
Ai Tan..toç an..jos me a..com..pa..nhem..



Ai à vos.....sa por..te chi.guei i ----
Ai Co..mo de pas..sa..das de..i ----

Ai!

Ó Divina Santa Cruz,

Ai!

À vossa porta chiguei!

Ai!

Tantos anjos m'acompanhem

Ai!

Como di passadas dei!

Ai!

Ó Divina Santa Cruz,

Ai!

Quem vos varreu o terrero?

Ai!

Foram os vossos mardomos,

Ai!

Com raminhos de lòrero!

Ai!

Ó Divina Santa Cruz,

Ai!

Para lá eu vou andando!

Ai!

A minh'alma já lá 'stá,

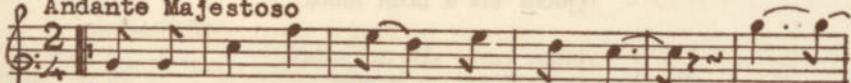
Ai!

Meu coração vai chigando!

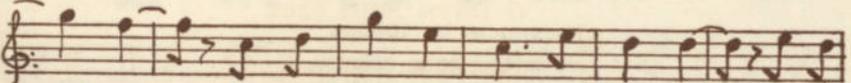
JANEIRAS

CANTICO DO NATAL

Andante Majestoso



Es-tas ca-sas são mû al-tas for-ra-
Vi-va quem ne-las pas-se-a Qu'ê----



di-nhas for-ra-di-nhas d'a-li-gri-a for-ra-
é Qu'ê a si-nho-ra Ma-ri-a Qu'ê a



di-nhas d'a-li-gri-a
si-nho-ra Ma-ri-a

Estas casas são mû altas,
Forradinhas d'aligria;
Viva quem nelas passeia,
Qu'ê a senhora Maria!

Estas casas são mū altas,
Mas não lhi chigamos nós;
Viva quem nelas passea,
Quem 'stá a fazer filhós!

Estas casas são mū altas,
Forradinhas di papéli;
Viva quem nelas passea,
Qu' é o senhor Manuéli!

Levante-se lá, sinhora,
Desse tão lindo assento,
Venha-nos dar as Janeras,
A boda do nascimento!

Estas casas são mū altas,
Forradinhas d'alicrim;
Viva quem nelas passea,
Qu' é o senhor Joaquim!

A M A R G A Ç A

MODA DE BALHAR

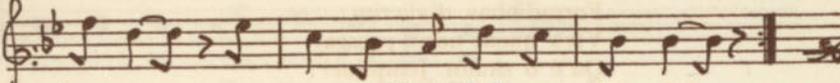
Andantino



Eu jul-ga---va qu'a mar-ga---ça Eu
Mas el' é ' u--ma má er---va Mas



Jul-ga-va qu'a mar-ga--ça E--ra mu-lher dalgum
el' é u--ma má er--va Nem os a---ni-mais a



ho--mem e---ra mu-lher dalgum ho--mem
co--mem nem os a---ni-mais a co--mem

Eu julgava qu'a margaça
Qu'era mulher dalgum homem;
Mas ela é 'ma má erva,
Nem os animais a comem!

Detrás do nosso castelo
Corr'a água, nadem bredos ;
Ond'istarás tu agora,
Arquinha dos meus segredos !

A margaça é 'ma má erva,
Ela mi pica na mão...
Tamém a maldádi pica
'Os homens no coração !

Anda cá, si queris vêri
Como é minh' àligria...
Toda coberta di penas,
Como and'à cotovia !

MARTÍRIOS

CÂNTICO RELIGIOSO



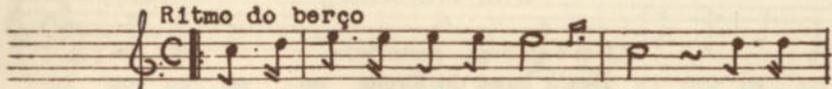
Quanto por nós padicestis,
Ó meu Jásus Salvadôri!
Não há quem poss'atendêri
Tantos excessos d'amôri!

Ó meu Deus amortalhado,
No 'squife estais metido!
Deixai-me chorar um pouco
Lágrimas d'arrepêdido!

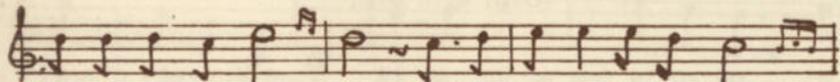
Ó . . . Ó . . . Ó . . .

CANÇÃO DE BERÇO

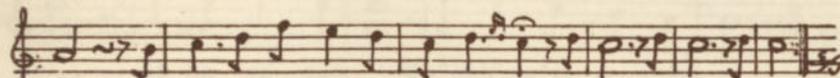
Ritmo do berço



Jo_sé em_ba l'ó ma_ni____no Jo_sé
Foi la_var os su_ê--ri____nhos Foi la-



em_ba l'ó ma_ni____no Qu'a Si_nho_ra lo-go vem____
var os cu_ê--ri____nhos À fon_tin_ha di Bi_lem____



--- Qu'a Si_nhora lo-go vem---- ó...ó ó...ó ó...ó
--- À fon_tin_ha di Bi_lem---- ó...ó ó...ó ó...ó

José, embal'ò manino,
Qu'a Senhora logo vem ;
Foi lavar os cuerinhos
A fontinha di Bilém!
Ó!... ó!... ó!...

O meu manino tem sono,
Tem sono, quer'-si dormíri!
Durma-se aqui, meu manino,
Anté a Sinhora víri.

Ó!... ó!... ó!...

Vai-t'embora, passarinho,
Dex'à baga do lòrero,
Dexa dormir o manino
Qu'istá no sono primero!

Ó!... ó!... ó!...

A C E I F A

CANÇÃO DE TRABALHO

Homens
Adagio



Mulheres



Ai!
Por cima se cêf' ò pão,
Ai!
Por baixo fic' ò ristolho;
Ai!
Manina, não se namore
Ai!
Do rapaz qu'embisg' ò olho!

Ai!

Corta minha foice, corta

Ai!

Nesse pão qu'é pelêrinho!

Ai!

Quem haver d'andar cum ôutrim

Ai!

Ha-de andar com cuidadinho!

Ai!

Minha mãe m'istá chamando

Ai!

Da làginha da Baganha!

Ai!

Valha-me Deus, minha mãe...

Ai!

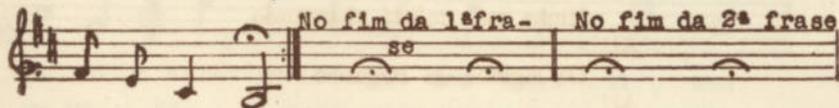
Julga qu'o vento m'apanha!

CANTIGA DE ABOIAR

CANÇÃO DE TRABALHO



Ai An-dan-do eu a la-vra-ri Ai No mei-o da
Ai Um len-ço de sa-u-da-des Ai Meu a-mor la



tor-n'á-che...1
t'o man.de...1

Eh boi, Eh boi Eh boi, volta malhado.

Ai!

Andando eu a lavrári,

Ai!

No meo da torn'achei

Ai!

Um lenço de saudades,

Ai!

Meu amor, lá t'o mandei!

Ai!

Se m'eu agora morria,

Ai!

Depois da palavra dada...

Ai!

Nem a terra mi comia

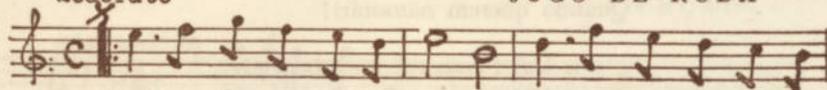
Ai!

S'o meu amor cá ficava!

VAI-TE EMBORA, MEU AMORZINHO

Moderato

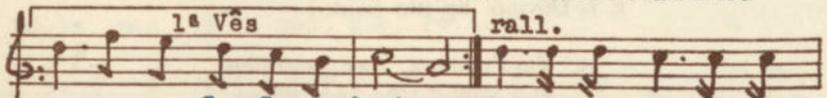
JOGO DE RODA



A deus ó cha.fa.riz ve lho Di fron.te tens o la-
On d'as mo-ças vão à fon.teQuan do que rem na mo-



ga-ri Vai t'em bo-ra meu ben-zí-nho
ra-ri S'e-la vem e nos en-con-tra



ca mi nha mãe não 'stá cá --- Ai qui di-rá qui di-



rá qui di-rá Ai qui di-re qui di-re qui di-ré Ai qui di-



rá qui di-rá qui di-rá

Adeus, ó chafariz velho...
Difronte tens o'lagári,
Ond'as moças vão à fônti
Quando querem namorári!

Vai t'embora, meu benzinho,
Q'a minha mãe não 'stá cá...
S'ela vem e nos encontra,
Ai, qui dirá, qui dirá!
Qui dirá!

Ó qui lindos òrredóis
Tem ' àldea de Monsanto:
São Fra'cisco, Sant'Antonio
E o Devino 'Sp'rito Santo!

Vai-t'embora, meu benzinho,
Q'a minha mãe não 'stá cá...
S'ela vem e nos encontra,
Ai, qui dirá, qui dirá!
Qui dirá!

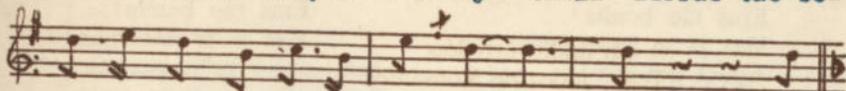
São Pedro mora nas hortas,
Sant'Antonio no caminho,
A Senhora do Castelo
No mais alto cabecinho!

ERAS TÃO BONITA

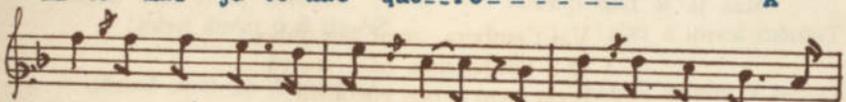
CANÇÃO



S'os teus o.lhos si ven.des.sem E..ras tão bo-
Pa...r'ós pôr na mi.nha sa.la E..ras tão bo-



ni.ta mas já te não que..ro----- Eu
ni.ta mas já te não que..ro----- A



com.pra.v'ós por di.nhe..ro Eu com.pra.v'ós por di-
sir.vir di can.di..e..ro A sir.vir di can.di-



nhe..ro
e....ro

S'os teus olhos si vendessem
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Eu comprav'òs por dinheiro,
Par'òs pôr na minha sala,
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
A servir di candiero!

Quem no meu pêto entrou
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Fez a dirrota qui quis...
Livou flor e cortou rama,
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Tamém levou a raiz!

Tenho à minha janela
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
O qui tu não tens à tua...
Um vaso di manjarico
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Qui dá chêr' a tod'à rua!

Adeus, ó rua da Fônti,
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Calçadinha mal sigura!
Quando pass'ò meu amôri
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Não há pedra qui não bula!

A rua do Sant'Antonho
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Tem cravos pelas paredes...
Todos vão e colhem cravos...
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Só eu fico presa neles!

As pedras do meu balcão
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
'Stão todas a três e três...
O meu amor dalgum dia
Eras tão bonita!...
Mas já te não quero!
Já cá o tenh'outra vez!



FOTOGRAFIAS DE MONSANTO

por

D. Thomaz de Mello (Tom)

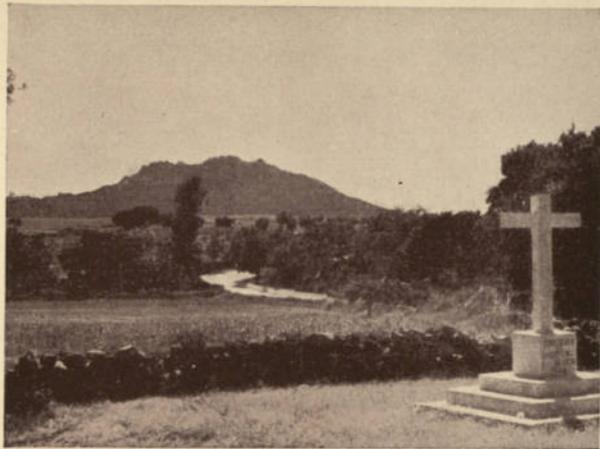
e

Carlos Botelho

ÍNDICE DAS GRAVURAS

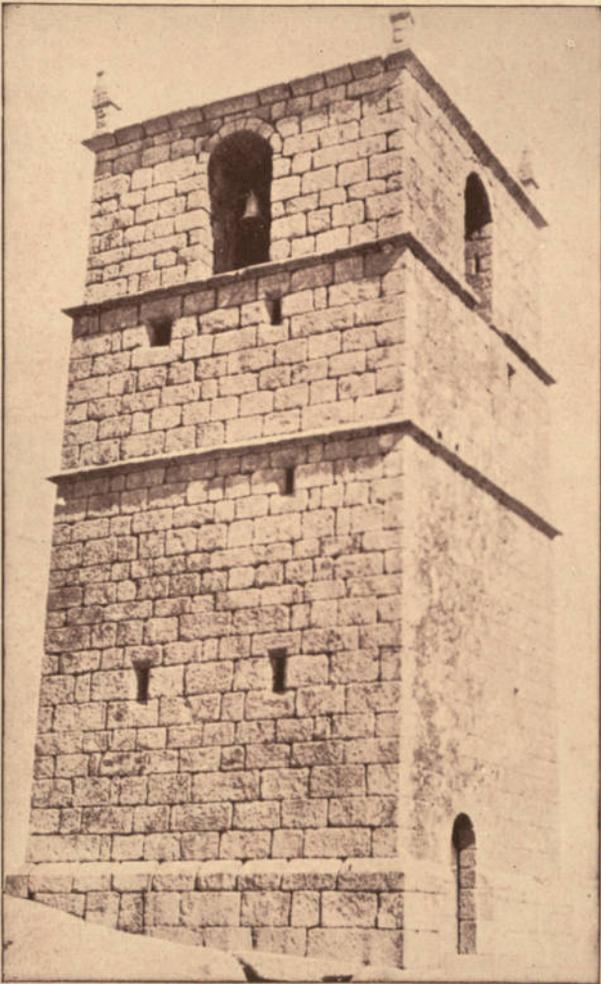
- 1—A CAMINHO DE MONSANTO
2—A TORRE DO RELÓGIO OU DE LUCANO OSTENTANDO O «GALO DE PRATA»
3 a 5—ASPECTOS DA TORRE
6 a 9—A POVOAÇÃO ANTIGA
10 e 11—RESTOS DO PELOURINHO
12 e 13—CASA DE D. GERALDO VAZ, PRIOR DA IGREJA DE S. SALVADOR
14 a 17—ASPECTOS DO CASTELO
18 e 19—ENTRADA PARA O CASTELO
20—A TORRE DA PRISÃO VISTA DUMA DAS PORTAS DO CASTELO
21—RUINAS DA CAPELA DE S. JOÃO
22 e 23—RUINAS DA IGREJA DE S. MIGUEL
24—IGREJA DE S. MIGUEL — UM CAPITEL
25—IGREJA DE S. MIGUEL — COLUNA DO PORTAL, VENDO-SE GRAVADO O CÔVADO-PADRÃO
26—SEPULTURAS CAVADAS NA ROCHA
27—RUINAS DA ERMIDA DE S. PEDRO DE VILA CÔRÇA (SÉCULO XII)
28—ARREDORES DE MONSANTO — A SERRA DA MOREIRINHA
29—ARREDORES DE MONSANTO — A RELVA
30—FIANDO O LINHO
31—A CEIFA
32—TRANSPORTE DO TRIGO PARA A EIRA
33—MULHERES COM «MANTILHA»
34—HOMEM COM «GABÃO»
35—CANGA

1



2





3

4



5





6



7

8



9





10



11

12



13





14



15

16



17





18



19

20



21





22



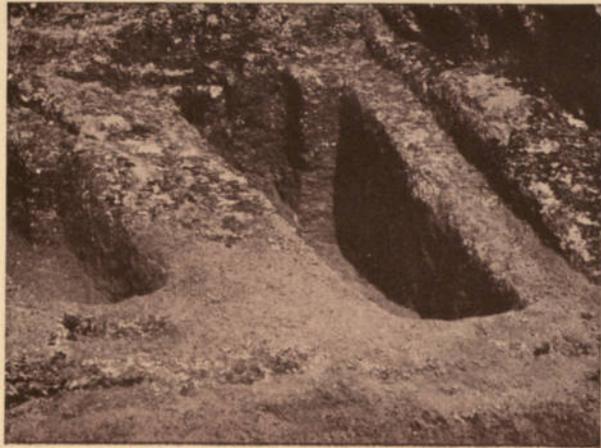
23

24



25





26



27

28



29





30



31

32



33





34



35





- 1 LOCAL DA FUTURA POUSADA DO S N I
- 2 TERMINUS DA ESTRADA
- 3 BALUARTE
- 4 S. LAZARO E ESTRADA ROMANA
- 5 DUAS BICAS
- 6 CHAFARIZ VELHO (POTAVEL)
- 7 ESPIRITO SANTO (ENTRADA DA VILA)
- 8 CHAFARIZ DO MEIO (NÃO POTAVEL)
- 9 POÇO DO BOTEELHO (ENTAIPADO)
- 10 CASA DO PAROCO (SEC. XVII)
- 11 IGREJA DE S. SALVADOR (MATRIZ)
- 12 CRUZEIRO
- 13 IGREJA DO SOCORRO (RUINAS)
- 14 PELOURINHO
- 15 IGREJA DA MISERICORDIA
- 16 TORRE DE LUCANO (GALO DE PRATA)
- 17 PENEDO REDONDO (LENDARIO)
- 18 FONTE DA RELVA (POTAVEL)
- 19 LOGAR DA RELVA
- 20 S. SEBASTIAO
- 21 SENHORA DO PÉ DA CRUZ
- 22 S. MARCOS
- 23 IGREJA DE S.to ANTONIO (ENTRADA)
- 24 BARRETO VERMELHO (LENDARIO)
- 25 FONTE INTERMITENTE (MILAGROSA)
- 26 PENEDOS JUNTOS
- 27 FONTE DE CIMA (LENDARIA)
- 28 PONTE ROMANA
- 29 CASA DA GUARDA
- 30 RUINAS DO ARCO DE S. JOAO
- 31 IGREJA DE S. MIGUEL (RUINAS)
- 32 CASTELO - TORRE DE MENAGEM - CISTERNA
- 33 S. PEDRO DE VIR A CORÇA
- 34 AS TREZE TIJELAS
- 35 URNAS MORTUARIAS
- 36 CHAFARIZ DO MONO (NÃO POTAVEL)
- 37 FARMÁCIA
- 38 TANQUES ROMANOS DE CORTUMES
- 39 FONTE DO FERREIRO
- 40 INSCRIÇÃO DO SECULO XII
- 41 MARCO GEODESICO - 758 M. ALTITUDE
- 42 PONTE NAQUITA - ROMANA
- 43 HERDADE DO MARQUEZ DA GRACIOSA
- 44 CASA DO DR. TRINDADE

MONSANTO

Vista por

Botelho

MONSANTO

MONSANTO



Monsieur
+
+ + + +

RUA DO AZINHEIRO



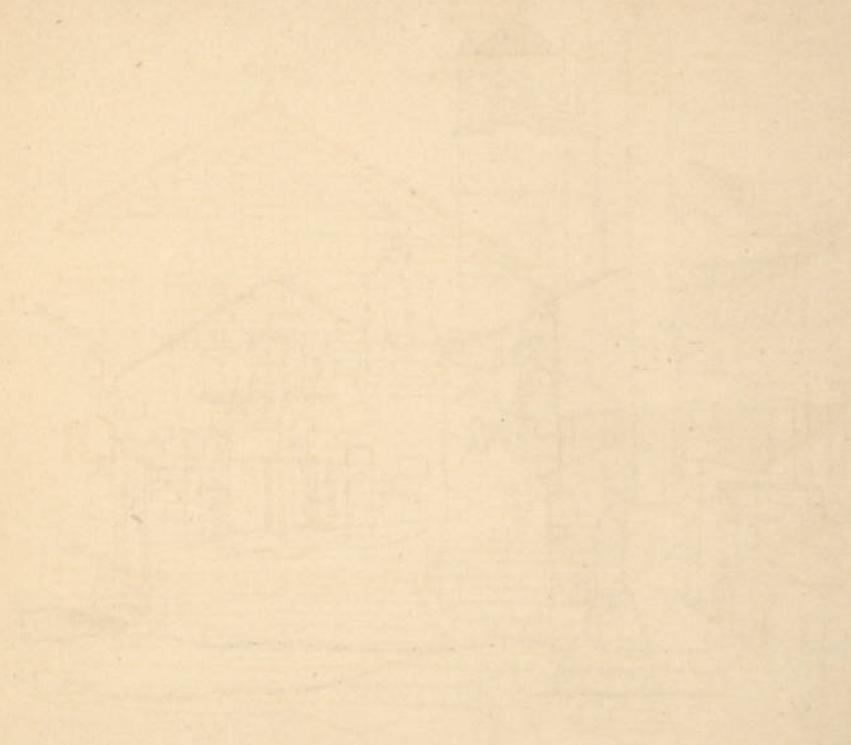
M. M. M. M. M.



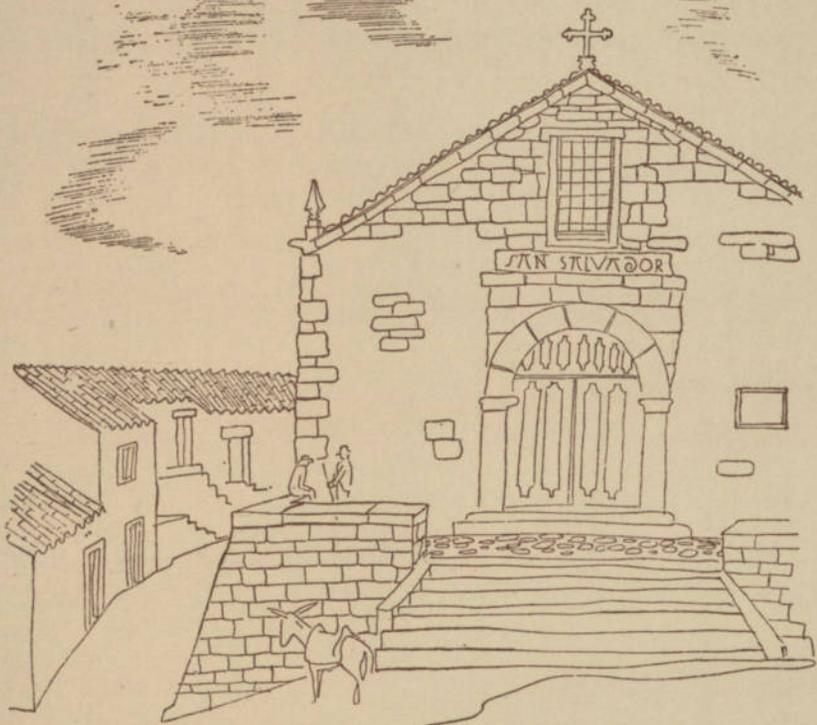
LARGO DO PELOURINHO



Enje de Pélissier
1888



LARGO DA IGREJA MATRIZ

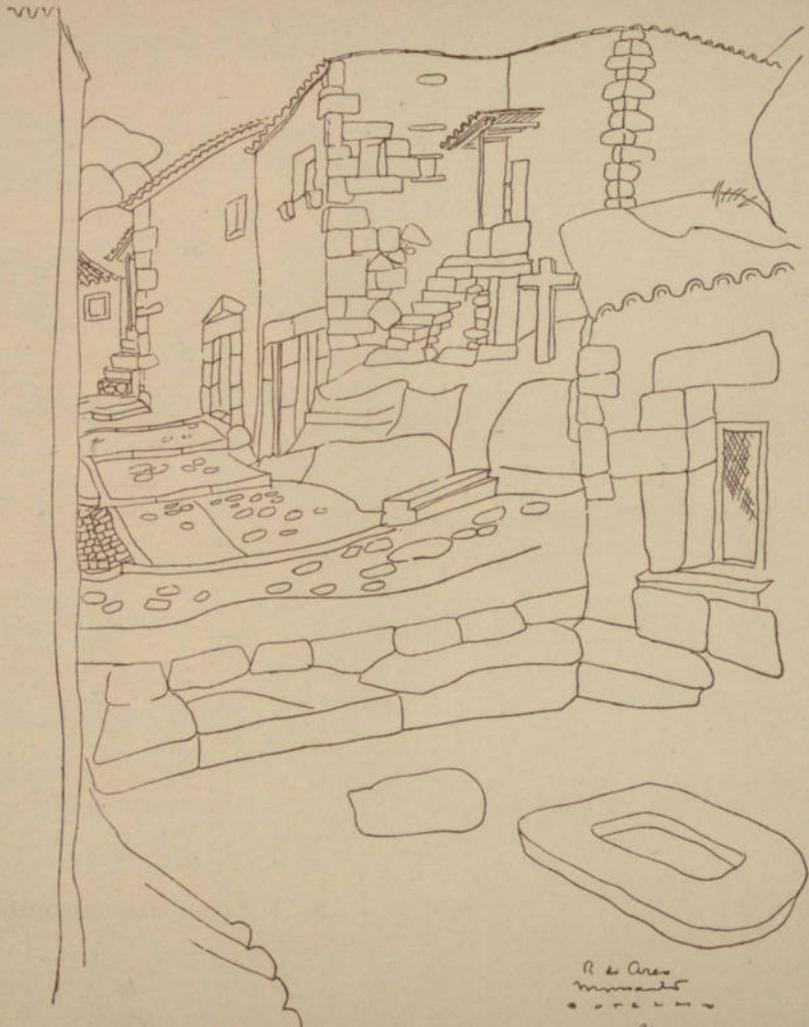


Luz de Espo. Ant. G.

Madrid 61

— — — — —

RUA DO ARCO



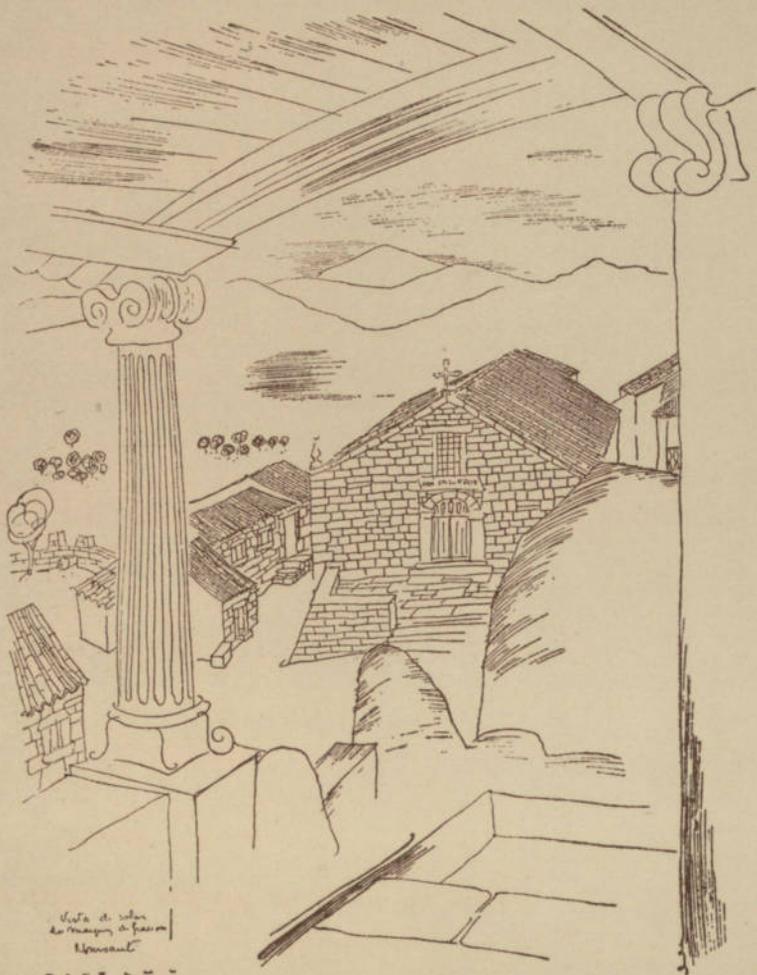
R. de Arco
Munich
1911

LARGO DO CRUZEIRO



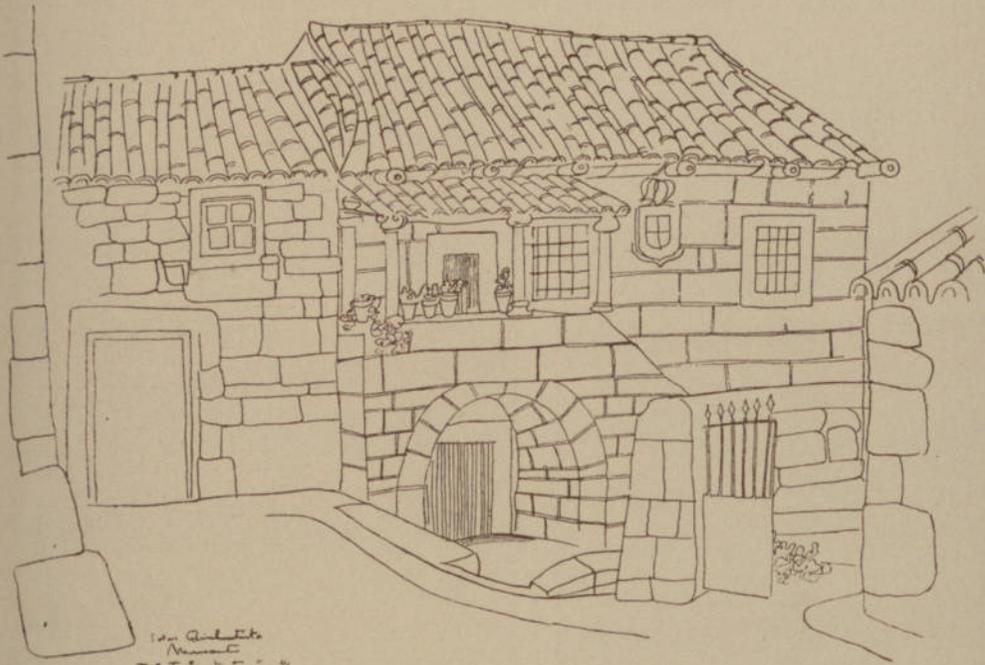
Luz de Aragón

VISTA DO SOLAR DO MARQUÊS DA GRACIOSA



Vista de un
de un pueblo de
España

SOLAR QUINHENTISTA

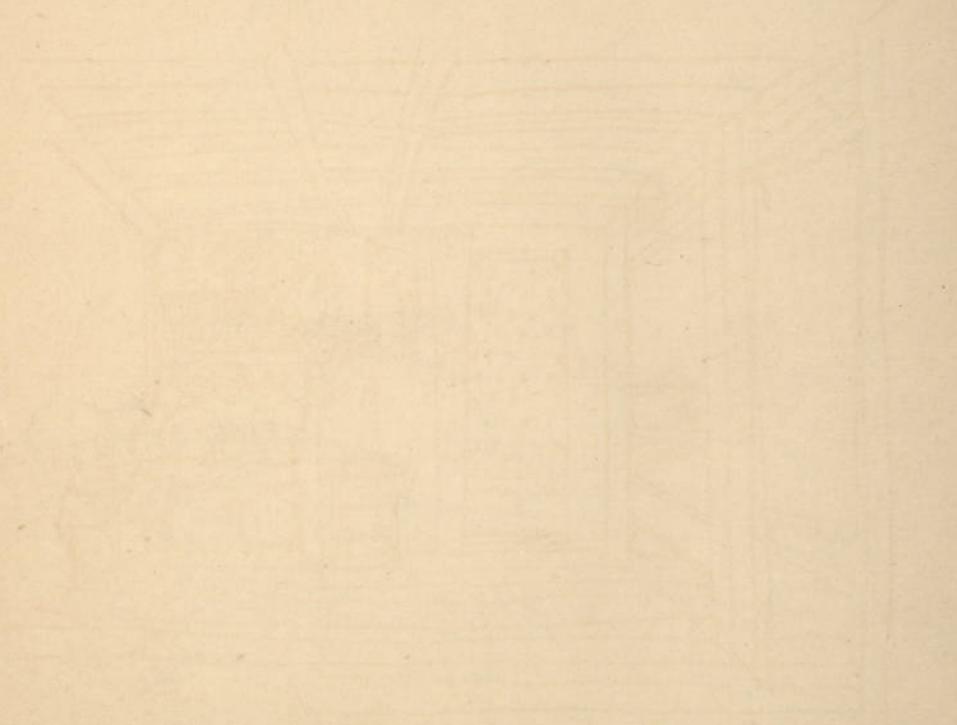


L. de G. 1900
Museum
- - - - -

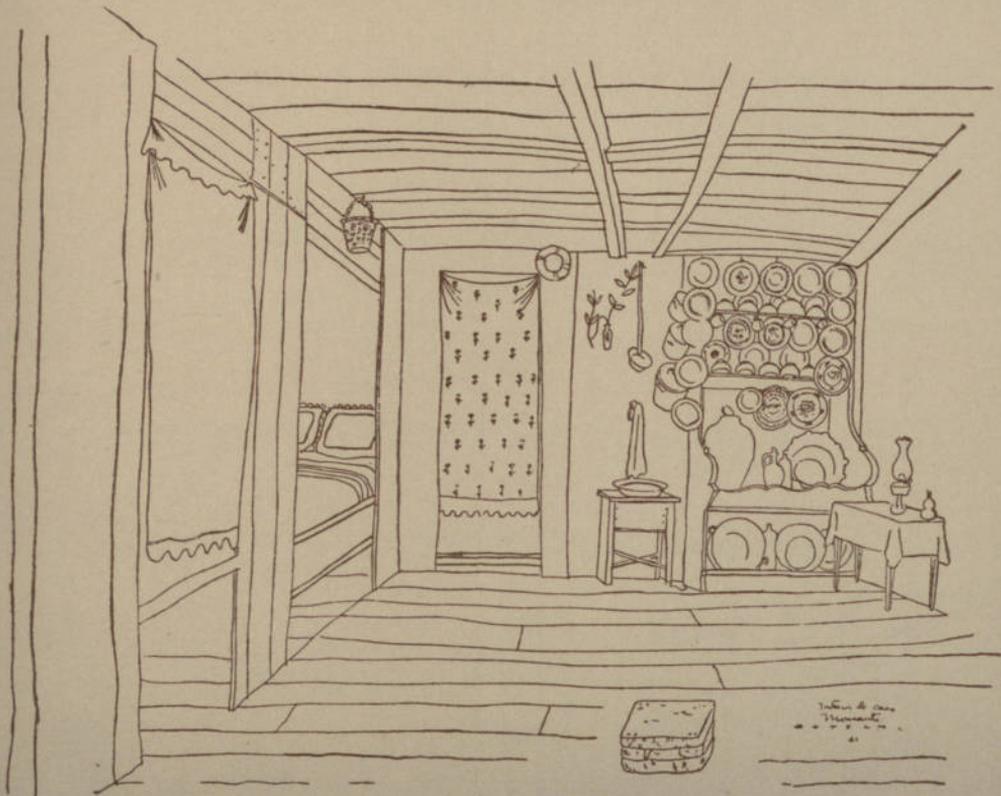
CASTELO E SEPULTURAS



Castle & spittal
Monsieur



INTERIOR



Interior of a
Kitchen
No. 100

ÍNDICE

EVOCAÇÃO DE MONSANTO, por Cardoso Martha e Adolfo Simões Müller.

I — A paisagem.

II — A aldeia.

III — O homem e a casa.

IV — O comércio, indústria e transportes.

V — Crenças, lendas e tradições.

VI — Usos e costumes.

VII — O castelo.



CANCIONEIRO MONSANTINO, por Eurico Sales Viana.



FOTOGRAFIAS DE MONSANTO, por D. Thomaz de Mello (Tom) e Carlos Botelho.



MAPA DE MONSANTO, por Carlos Botelho.



MONSANTO VISTA POR BOTELHO — 10 desenhos.

REALIZAÇÃO GRÁFICA
DOS
SERVIÇOS TÉCNICOS DO
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO
(SECÇÃO DE ESTUDOS)



1947

OFICINA GRAFICA, LIMITADA
Rua da Oliveira do Carmo, 8
Telefone 22886 // LISBOA





EDIÇÕES
SNI
LISBOA

NB



EFG0000513958

S.